

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LILIANE SANTOS SOUSA

---

**FUTEBOL FEMININO NO PAÍS DO  
FUTEBOL: TRAJETÓRIAS DE  
JOGADORAS DE UM TIME DE  
FUTSAL**

---

Campinas  
2009

**LILIANE SANTOS SOUSA**

---

---

**FUTEBOL FEMININO NO PAÍS DO  
FUTEBOL: TRAJETÓRIAS DE  
JOGADORAS DE UM TIME DE  
FUTSAL**

---

---

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação) apresentado à Faculdade de  
Educação Física da Universidade Estadual  
de Campinas para obtenção do título de  
Licenciado em Educação Física.

**Orientadora: Helena Altmann**

**Campinas**  
2009

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

So85f	Sousa, Liliane Santos. Futebol feminino no pais do futebol: trajetórias de jogadoras de um time de futsal / Liliane Santos Sousa. -
	Orientador: Helena Altmann Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
	1. Gênero. 2. Mulher. 3. Futebol. I. Altmann, Helena. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.
	asm/fef

**Título em inglês:** Women's football in the country of football: trajectories of players of a team of futsal.

**Palavras-chave em inglês (Keywords):** Gender; Woman; Football.

**Banca Examinadora:** Helena Altmann; Heloisa Helena Baldy dos Reis.

**Data da defesa:** 10/12/2009.

LILIANE SANTOS SOUSA

---

---

**FUTEBOL FEMININO NO PAÍS DO  
FUTEBOL: TRAJETÓRIAS DE  
JOGADORAS DE UM TIME DE  
FUTSAL**

---

---

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Liliane Santos Sousa e aprovado pela Comissão julgadora em: 10/12/2009.

**Helena Altmann**  
Orientadora

**Heloisa Helena Baldy dos Reis**  
Banca examinadora

Campinas  
2009

# DEDICATÓRIA

---

---

*Dedico este trabalho a todas as mulheres atletas e em especial as boleiras!*

## AGRADECIMENTOS

---

---

*Nem acredito que cheguei aqui! Espero que minha memória não se esqueça de ninguém. Deixe me começar....*

*Agradeço primeiramente a Deus pelos infinitos milagres.*

*Agradeço a minha orientadora Helena Altmann pela paciência e pelos puxões de orelha. O que seria do meu texto sem os seus comentários filosóficos!? Grande Helena! À minha “banca”, Heloisa Reis, por ter aceito o convite e dispor a ler este trabalho. Agradeço também por ter me convidado a fazer parte do GEF e juntas tornarmos o grupo 20% feminino! Além das leituras a respeito do futebol, violência e gênero.*

*Agradeço a Melinda por ter mediado o contato com o técnico da equipe feminina! As protagonistas desta história: Dani, Déia, Ju, Ju Tosta, Cris, Camila “Panda”, Denise, Tabata, Taniane e Ana. Não me esquecendo dos acompanhantes de arquibancada: Roseli, Day, Michele e Bruninho. A comissão técnica, Helinho e Marcelinho, muito obrigada por aceitarem a realização deste projeto.*

*Agradeço a minha mãe, Fátima, e ao meu pai, Manoel, pelo carinho, ensinamentos e principalmente por me incentivarem a praticar futebol! Obrigada por sempre torcerem por mim!*

*À minha irmã Luciane por abrir minha cabeça e atentar-me das oportunidades que só através dos estudos aparecem!*

*À minha irmã, Manuela, pela amizade e confidências. E é claro, por me ajudar a fazer os gráficos, tabelas e outras exigências que não domino!*

*A minha sobrinha Victória que aos 2 anos já dá os seus primeiros chutes com o pé direito! A tia te ama! E para de gritar: “chimão eôh” pela casa!*

*Ao meu irmão, Juninho, pelas brincadeiras, por fazer questão de me acompanhar nos jogos de futsal e sempre torcer por mim. Além de torcermos loucamente pro Tricolor Paulista!*

*Agradeço aos meus cunhados, Ozeias e Sidney, por adentrarem na família e fazerem parte dos “fundunfos”! Vocês são corajosos!*

*Du obrigada por tudo! Sem você do meu lado tudo seria mais difícil. Você é um corintiano que tem muita paciência de namorar uma são paulina “arrogante”. Nosso amor supera estes detalhes! Será?*

*Aos agregados (as): Tati “tcha tcha”, Jorge, Renata, Luiz, muito obrigada pela amizade de vocês , e paremos com essa mania de que qualquer coisa é motivo pra nos reunirmos e apreciar uma tequila!*

*Às meninas da casa I-2. Muito obrigada por liberarem a TV as quartas feiras a noite, mesmo que meu time não jogue o importante e provocar os vizinhos! À Aline pela companhia e amizade nestes quatro anos. Valeu pelas dicas e conselhos! À Paula teen por demonstrar que é possível acordar cedo e dormir tarde! Paulitcha muito obrigada por gastar sua cota da química imprimindo os artigos pra mim! A Julie colombiana por me fazer rir toda vez que judia o nosso português. A Kassy por ter me incentivado a estudar as minorias.*

*Agradeço a turma 05N! Vocês foram fundamentais pra minha sobrevivência na FEF! Karina, Marcinha, Clebinho, Gustavo, Wesley, Kethlyn, Moisa, Gisele e Daniel! As aulas com vocês foram muito mais legais! Não esquecerei jamais!*

*Agradeço a outros alunos da FEF: Jefferson pela companhia durante este ano no projeto com as crianças, a Dani, reingressante na Licenciatura, formamos “a dupla” nos trabalhos acadêmicos! Ops, antes que eu me esqueça, obrigada por me emprestar o gravador! À Rodrigo Rosa pelas tantas conversas, embora só eu falasse! Obrigado por me emprestar seus ouvidos!*

*As orientandas da Helena: Carol e Gabi! Valeu pelas reuniões extra-oficiais!*

*À Aline, palmeirense, pelo incentivo e pela amizade que começou a pouco tempo, mas que é valiosa!*

*À Ju “corda”, por compartilhar das etapas de escrever um texto de monografia.*

*Ao Osmarzinho pelas conversas e dicas a respeito da pesquisa. Torço pelo seu sucesso!*

*Aos rondonistas: Marcola, Gi, Julia, Rafa, Luana (Bahia) e professor Paulo, amei conhecer vocês!*

*À professora “distinta” Elaine, por me agüentar durante quatro anos no projeto. Obrigada por me convidar a fazer parte da equipe do projeto Rondon 2009! Serei eternamente grata pela confiança. Aos funcionários da FEF-Unicamp: Beeroth, Dulce, Marli, Geraldinho e Tiãããããooooo!*

**SOUSA, Liliane Santos. Futebol feminino no país do futebol: trajetórias de jogadoras de um time de futsal.** 2009. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

## **RESUMO**

---

---

A prática do futebol feminino ainda é um fato recente no Brasil, portanto, como será que foi o caminho percorrido pelas mulheres que desejaram se envolver com esta modalidade? Quais seriam as dificuldades pra adentrar e manter se em campo? Essa pesquisa analisou trajetórias de jogadoras de futebol de um time amador da cidade de São Paulo de modo a entender quais foram/são as dificuldades para praticar um esporte ainda predominantemente masculino no Brasil, além de discutir e compreender quais são as expectativas com a modalidade. Participaram das entrevistas dez jogadoras. Foram exploradas questões sobre a prática no ambiente escolar, profissionalismo, apoio, preconceitos em relação à prática e expectativas com o futebol feminino. As praticantes, com idades entre os dezenove e vinte e oito anos, relataram que o início da prática do futebol deu-se entre quatro e dez anos. Esta teve início na rua, em escolinha de futebol e não no ambiente escolar. Mesmo assim todas afirmaram ter jogado futebol nas aulas de Educação Física, espaço predominantemente povoado pelos meninos. As principais dificuldades apontadas pelas atletas foram os preconceitos atrelados ao gênero e à sexualidade, além da falta de apoio dos familiares, dos clubes e da mídia. No início da prática, as expectativas eram, principalmente, tornarem-se profissionais da bola, porém hoje estas expectativas não existem mais para a maioria delas. Apenas duas das meninas entrevistadas disseram ainda ter expectativas profissionais com o futebol fora do Brasil. Foi apontado pela maioria das meninas que o envolvimento com o futebol hoje é encarado por elas como uma opção de lazer e saúde, e nada mais. As mudanças citadas pra melhoria do futebol feminino no país foram: patrocínios, apoio financeiro as atletas (salários), alojamento, alimentação, incentivo da imprensa e organização de campeonatos.

Palavras chave: gênero; mulher; futebol.

**SOUSA, Liliane Santos. Women's football in the country of football: trajectories of players of a team of futsal.** 2009. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

## **ABSTRACT**

---

---

The practice of women's football is still a recent event in Brazil, so how was it the path taken by women who wished to engage with this mode? What are the difficulties to enter and maintain in the field? This study examined trajectories of female soccer players an amateur team in São Paulo in order to understand what were / are the difficulties of playing a sport still predominantly male in Brazil, and discuss and understand what the expectations are with the modality. Participated in the interviews ten players. Were explored issues about the school environment, professionalism, support, prejudices about the practice and expectations of women's football. The players, aged between nineteen and twenty-eight years, reported that the start of football practice took place between four and ten years. This began in the street, in school for football and not in the school environment. Yet all said they played football in Physical Education classes, area predominantly populated by boys. The main difficulties identified by the prejudices athletes were linked to gender and sexuality, and the lack of support from family members, the clubs and the media. At the beginning of practice, the expectations were, mainly, to become professional ball, but today these expectations no longer exist for most of them. Only two of the girls interviewed said they still have expectations with professional football outside of Brazil. He was appointed by the majority of the girls involved in football today is regarded by them as an option for leisure and health, and nothing more. The changes mentioned pra improvement of women's football in the country were: sponsorship, financial support to athletes (wages), housing, food, encouragement of press and organization of championships.

Keywords: gender; woman; football.

## LISTA DE FIGURAS

---

---

<b>Figura 1-</b>	Logo do time de futsal feminino do Raposas da Leste .....	32
<b>Figura 2</b>	Equipe Raposas da Leste, abril de 2009 .....	33
<b>Figura 3</b>	Atletas durante o treino no C.E.U.....	34
<b>Figura 4</b>	Primeiro jogo no campeonato de Futsal de Caieiras .....	35

## LISTA DE QUADROS

---

---

<b>Quadro 1 -</b>	Perfil sócio econômico das atletas .....	36
<b>Quadro 2 -</b>	Local, idade e companhia no início da prática .....	37
<b>Quadro 3 -</b>	Tipos de equipes e o auxílio destinado às atletas.....	50

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

---

---

<b>CEU</b>	Centro de Ensino Unificado
<b>CBF</b>	Confederação Brasileira de Futebol
<b>CBFS</b>	Confederação Brasileira de Futebol de Salão
<b>CORPO</b>	Grupo de Pesquisa Corpo e Educação
<b>CND</b>	Conselho Nacional de Desportos
<b>E.F</b>	Educação Física
<b>FEF</b>	Faculdade de Educação Física
<b>FIFUSA</b>	Federação Internacional de Futebol de Salão
<b>FMU</b>	Faculdades Metropolitanas Unidas
<b>FPF</b>	Federação Paulista de Futebol
<b>GEF</b>	Grupo de Estudos e Pesquisa de Futebol
<b>LAU</b>	Liga das Atléticas da UNICAMP
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TJD</b>	Tribunal de Justiça Desportiva
<b>UNICID</b>	Universidade Cidade de São Paulo
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>UNISANTANA</b>	Centro Universitário Sant'Anna.

# SUMÁRIO

---



---

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	15
2.1 As relações entre esporte e gênero .....	15
2.2 Futebol no Brasil: da origem elitista a presença feminina .....	18
2.3 Dos campos às quadras .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	30
3.1 As protagonistas .....	31
<b>4 TRAJETÓRIAS DE JOGADORAS DE FUTSAL</b> .....	37
4.1 Início da prática .....	37
4.2 Memórias do futebol na escola .....	40
4.3 Incentivos/ desincentivos à prática .....	44
4.4 Dificuldades / preconceitos .....	47
4.5 Espaços para a prática .....	50
4.6 Homofobia e futebol feminino .....	53
4.7 Expectativas com o futebol .....	55
4.8 Mudanças no futebol feminino .....	57
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>ANEXO</b> .....	69
Anexo – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	69
<b>APÊNDICES</b> .....	70
Apêndice A - Roteiro da entrevista .....	70
Apêndice B – Modelo de ficha com os dados pessoais .....	71
Apêndice C – Entrevistas .....	72

# 1 Introdução

---

---

Como praticante de futsal há muitos anos, posso afirmar que minha trajetória futebolística foi marcada por diversas manifestações preconceituosas. Estas foram cometidas pela família, pelos colegas, na escola, na rua e inclusive no meio universitário. Em pleno século 21, ainda é assustador e ameaçador ver uma mulher jogando futebol. E esta prática gerou outro grande equívoco: a associação da prática da modalidade com a homossexualidade. Este preconceito só foi minimizado com o início dos meus relacionamentos com “qualquer pessoa” do sexo oposto. O olhar diferente a minha pessoa foi não só pelo fato de adentrar em campo, mas também por gostar de assistir e comentar assuntos sobre futebol.

Meu envolvimento com este esporte predominantemente masculino foi marcado por limitações, indagações, resistência e conquistas. No início da minha prática, na rua, entre os meninos, requeri muita habilidade para me inserir neste ambiente predominantemente masculino. Já que as meninas da época não gostavam e nem eram estimuladas ao envolvimento com a modalidade, embora eu tivesse incentivado a prática feminina na escola. Paralelo a escola, jogava com os colegas da rua, nos clubes, nos parques. Posso dizer que meu ciclo de amizade foi formado graças ao futebol.

No decorrer da graduação joguei pelo time da FEF (Faculdade de Educação Física), além de ter jogado pelo time da Universidade, a LAU (Liga das Atléticas da Unicamp). Esta experiência me aproximou das tantas mulheres que jogam futsal no meio universitário, e muitas delas como eu, pararam de treinar por causa do pouco tempo disponível pras competições. Mesmo abandonando as rotinas de treino coletivo, essa e outras experiências com o futebol garantiram-me uma opção de lazer.

Pensando na minha experiência como jogadora são inúmeras as curiosidades a respeito das trajetórias de outras mulheres que também jogam futebol. Por isso, minha paixão pelo futebol, seja como espectadora, atleta ou torcedora e a escassa produção a respeito da trajetória das praticantes de futsal no Brasil, levou-me a estudar as trajetórias de um grupo de mulheres praticantes de futsal.

Embora na Universidade, dentro das disciplinas de graduação, não tenha recebido formação suficiente para compreender tantas questões que me angustiavam, aproximei-me mais intensamente da temática e dos autores que também discutem o assunto através dos grupos de estudos da FEF-UNICAMP: o GEF (Grupo de Estudos e Pesquisa de Futebol), coordenado pela profa. Dr<sup>a</sup> Heloisa Reis, e também o CORPO (Grupo de Pesquisa Corpo e Educação), coordenado pela profa. Dr<sup>a</sup> Helena Altmann.

Essa pesquisa analisa trajetórias de jogadoras de futsal de um time amador da cidade de São Paulo, o Raposas da Leste, de modo a entender quais foram/são as dificuldades vivenciadas para praticar um esporte ainda predominantemente masculino no Brasil. Nesse sentido, algumas perguntas nortearam esse trabalho: Qual a história da prática do futebol no Brasil? Como essas mulheres começaram a jogar futebol? Com que idade? Quais locais onde praticaram esta modalidade? Com quem? Quais dificuldades enfrentaram? Quais e por que ainda existem preconceitos em relação à prática do futebol feminino? O que ainda tem atrapalhado a participação feminina nesta modalidade? Quais são as expectativas que elas tinham/tem com futebol? O que elas mudariam no futebol feminino? Estas e outras questões serão discutidas ao longo do trabalho.

O texto está dividido em quatro capítulos que dialogam buscando a complementaridade. No primeiro capítulo conceituarei o termo gênero, relacionando esta construção social a suas conseqüências nos diferentes ambientes esportivos, em destaque o futebol. Num processo de afinamento dos assuntos, parto de elementos históricos sobre a participação da mulher com o futebol no Brasil. Assim, no capítulo seguinte, acerca do futebol no Brasil, darei ênfase à chegada dele no Brasil e a restrição como modalidade masculina, no qual as mulheres adentram posteriormente. Até então a participação das mulheres estava restrita a arquibancada. O terceiro capítulo refere-se à metodologia de pesquisa adotada. Já no quarto capítulo analiso os dados coletados na pesquisa de campo acerca das trajetórias destas atletas de futsal. O mesmo está dividido em categorias relevantes para análise dos resultados obtidos nesta pesquisa.

## 2 Revisão bibliográfica

---

---

### 2.1 As relações entre esporte e gênero

Embora, historicamente tenha sido negada às mulheres oportunidades à participação na maioria dos esportes, isso mudou consideravelmente nas últimas décadas. A construção histórica da prática esportiva e os diferentes tratamentos dados aos gêneros devem ser estudados e acompanhados os seus avanços.

Para iniciar esta discussão, acho necessário conceituar o termo gênero, muitas vezes relacionado ao termo sexo. Sexo e gênero estão relacionados e não devem ser interpretados separadamente e tão pouco com o mesmo significado.

Entre as estudiosas mais conhecidas nesse campo está Joan Scott, historiadora norte americana que afirma que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. (SCOTT, 1995, p.86)

Como ressalta Guacira Lopes Louro (2004)

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2004, p.21)

Basicamente o que os distingue é a associação do sexo com as dimensões biológicas (distinções entre macho e fêmea) e do gênero, com aquelas sociais, psicológicas e culturais da masculinidade e feminilidade que sofrem transformações constantes. Fabiano Pries Deive (2005, p.31) ressalta que diferente da categoria gênero, “o sexo não se refere às expectativas sociais acerca dos comportamentos de homens e mulheres, mas às características genéticas e biológicas de uma pessoa, que determinam se ela é do sexo masculino ou feminino”. Jeffrey Weeks (2007, p.42) ressalta que o sexo adquiriu um sentido mais preciso: ele se refere às

diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une.

Baseada em argumentos médicos, a teoria vitalista, para a qual o organismo humano provinha de uma força vital finita e não renovável, foi a grande aliada ao não envolvimento da mulher em atividades físicas. Acreditava que os processos biológicos da maturação feminina consumiriam muita força vital do corpo da mulher. Sendo assim, afirmava-se que a atividade física poderia até deslocar o útero feminino comprometendo sua capacidade reprodutiva. (DEVIDE, 2005, p. 36). Assim, muitos foram os mitos historicamente construídos em relação à participação feminina no esporte dentre eles: problemas no parto, lesões no seio, no órgão reprodutivo, problemas menstruais, além de afirmar que aquelas que se envolvem com esportes de contato tornam-se agressivas e perdem a feminilidade (CORBETT, 1997. apud DEVIDE, 2005).

Frente a essas e outras questões, as feministas se viram frente ao desafio de questionar argumentos biológicos que justificavam a desigualdade de gênero. Segundo Dagmar Meyer (2003),

O que algumas delas passariam a argumentar, a partir daqui, é que são os diferentes modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico.” (MEYER, 2003, p.14).

Nas primeiras Olimpíadas da era moderna, em Atenas, em 1896, a participação feminina não foi permitida. Pierre Coubertin era defensor dessa interdição, pois acreditava que a inserção das mulheres no esporte competitivo, em especial nas Olimpíadas, poderia vulgarizar esse ambiente recheado de honras e conquistas. Cabia à mulher coroar a premiação masculina.

Em artigo publicado na Revista Olímpica, de julho de 1912, Coubertin defende o esporte como área destinada aos homens, mantendo os rituais dos Jogos Antigos:

É possível oferecer às mulheres acesso a todas as competições? Não? Então por que permitir o acesso a algumas e excluí-las de outras? E, sobretudo, com quais critérios estabeleceremos as competições de livre acesso e as de acesso restrito? Não só há tenistas e nadadoras. Também há amazonas,

praticantes de esgrima e na América inclusive remadoras. No futuro, pode ser que haja corredores e até jogadoras de futebol (!)<sup>4</sup> -. Seriam estes os esportes, praticados por mulheres, um espetáculo edificante para as multidões que presenciam os Jogos Olímpicos? (LYBERG, 2000, p. 47 apud DEVIDE, 2005, p. 89)

Esses argumentos acabaram desincentivando a prática e levando ao afastamento da mulher do jogo com a bola nos pés. Dede sua origem, o futebol, foi um espaço destinado à demonstração da virilidade, assim como foi com o Rugby na Inglaterra. Sobre o período de 1860, Eric Dunning diz que

Nesta fase, a bola possuía relativamente pouca importância. Os confrontos eram jogos de pontapés indiscriminados, nos quais o facto “viril” consistia em enfrentar um adversário e envolver se em caneladas mútuas. De onde se conclui que a força e a coragem, traduzidas em caneladas, eram o critério principal para o estabelecimento de uma reputação de “virilidade” no jogo. (DUNNING, 1992, p. 397)

É nesse sentido que se pode afirmar que há esportes foram se construindo como feminino ou masculino, embora ao longo do tempo isso venha se alterando, como é o caso da participação feminina nas lutas e no próprio futebol e o envolvimento masculino com a ginástica e a dança.

Se a dança, a natação e a ginástica eram os exercícios mais adequados ao organismo feminino, devido ao baixo desgaste físico, o futebol era designado ao masculino. No artigo intitulado “*Porque a mulher não deve jogar futebol*”, publicado na Revista Educação Physica de 1940, Humberto Ballariny desaprovou a prática do futebol feminino. O médico afirmava que:

A sublime missão destinada à mulher é a maternidade e toda sua formação física, moral e intelectual deve visar a êsse nobre objetivo. A beleza a graça, o encanto, o carinho, a docilidade, o espírito altruístico de renúncia que fizeram de nossas mães retrato da mulher contemporânea, são conquistas sem nada inferiores aos grandes empreendimentos de gênero humano. [...] O futebol é um esporte de ação generalizada, porém violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Além disso, o futebol provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para órgãos femininos (Educação Physica, n.49,1940,p.36- apud GOELLNER, 2005, p.76)

Citações como esta permitem identificar que tais restrições dificultaram a inserção da mulher no esporte. A prática de determinados esportes devia ser condizente com a feminilidade esperada socialmente, tendo em vista o olhar discriminatório à masculinização da aparência.

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

É importante ressaltar que estes artigos publicados nas revistas de Educação Física eram de autoria médica e de caráter machista. Notamos que as limitações eram impostas pela Medicina Esportiva<sup>5</sup>, restringindo a prática feminina em algumas modalidades tidas como prejudiciais ao órgão reprodutor, pautado sempre na “proteção” a maternidade.

A mulher tinha que manter seu corpo em exercício, mas longe do excesso de competição e nem da inatividade, mas exercitados de maneira a garantir seu jeito feminino, ou seja, com beleza, leveza, delicadeza, graça e saúde.

No entanto, apesar da submissão feminina, restrita ao espaço doméstico, a mulher começa a participar de espaços antes tidos como pertencentes ao do homem.

A partir das primeiras décadas do século XX, as mulheres conquistam maior espaço no território (vida pública), porém o desnudamento do corpo feminino provoca certo medo de aproximá-las do universo pagão e da desonra. (GOELLNER, 2005, p.52). Com a prática esportiva, os corpos se modificam e estas características físicas da mulher também passam a ser questionadas. Se a mulher passa a ter mais liberdade, algumas práticas corporais ainda não eram aconselháveis, ou melhor, eram condenadas. Então, o que dizer do envolvimento das mulheres com a modalidade tida como masculina? Esta é uma das perguntas que responderei ao longo do próximo item.

## **2.2 Futebol no Brasil: da origem elitista à presença feminina**

Apesar do futebol ser considerado um esporte de multidões e o Brasil ser considerado o país do futebol, ele ainda é marcado por preconceitos quando falamos na prática do esporte pelas mulheres. Mesmo que exista no mundo esportivo uma aparente dominação masculina, não podemos nos esquecer que, aos poucos, as mulheres adentram neste cenário.

O futebol é, sem dúvida, um fenômeno esportivo que vem atraindo adeptos de diferentes idades e principalmente em todas as camadas sociais no Brasil. No entanto, um dos aspectos menos compreendidos da história do futebol brasileiro diz respeito à inserção da mulher no universo tido como masculino. O fato de existir essa

---

<sup>5</sup> Constituída por homens

tendência em apresentar o Brasil como país do futebol nos leva a questionar o porquê deste preconceito existente em relação à prática do futebol feminino no país. Estas questões estão atreladas às rotulações de gênero.

Segundo Reis (2006), o futebol, assim como outros esportes, surge na Inglaterra na metade do século XIX. Os esportes jogados com bola somente propagam para outros países no final do século XIX. Somente em 1863, com a criação da *Football Association*, na Inglaterra, surgem às primeiras regras universais e, a partir daí, o jogo com bola nos pés, propriamente dito.

No Brasil, acredita-se que o futebol moderno chegou por intermédio de Charles Miller após viagem à Inglaterra. Ao retornar em 1894, trouxe em sua bagagem uma bola e algumas regras.

Levine (1982, apud Heloisa Turini BRUHNS, 2000) classifica o futebol brasileiro em quatro períodos amplos. O primeiro período (1894-1904) caracterizou-se pela chegada do futebol e restrição aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros. A partir de então, a modalidade ganhou inúmeros adeptos, sendo estes, homens brancos e originários da elite. O segundo período (1905-1933) compreende a fase amadora, fase em que homens não pertencentes à elite passam a jogar o futebol, neste momento segundo Brunhs (2000)

A adesão ao futebol caracteriza-se por dois grupos. Por um lado, jogadores originários da elite, relacionados ao futebol praticado na escola ou no clube, por outro a fonte na qual as classes populares estavam incluídas, controlada pelo viés do futebol paternalista de empresa. Era, entretanto malvista a inclusão de jogadores de classes populares – e no Brasil, a cor da pele parece ser um indicador de classe- nos “grandes” clubes de “boa família” (BRUHNS, 2000, p.58)

Como vimos, no início, o futebol era destinado aos brancos e de elite, antes de 1930, sendo assim, a negros e mulheres era vedada a participação.

Devido à grande participação das classes menos favorecidas no futebol brasileiro, o amadorismo dá espaço ao profissionalismo. O jogo era composto pelos melhores jogadores, muitos destes advindos das camadas mais baixas, nas quais havia craques que tinham grande interesse profissional no futebol.

O terceiro período (1933-1950), é marcado pelo início do profissionalismo que aumenta a competição entre os clubes. No governo Vargas, tem-se na legislação social e trabalhista que regulamenta o futebol profissional. Inicia-se, a

partir daí, a disputa entre os clubes para ter em sua equipe os melhores jogadores, independente de sua origem social ou étnica.

Já o quarto período (após 1950) é a fase do reconhecimento e modernização da modalidade. O profissionalismo masculino foi (e ainda é) contemplado e produzido pela comunicação de massa, por meio dos jornais da época. Em 1913, em São Paulo, já existiam alguns jornais destinados especialmente ao esporte, são eles: *O Brasil Esportivo*, *São Paulo Esportivo e Sport*. (CALDAS, 1990, p.97) Mas, é a partir de 1953 com a transmissão dos jogos pela televisão que os profissionais da bola são contemplados pelo meio de divulgação, embora as transmissões não fossem ao vivo, em videoteipe. É somente a partir da década de 1970 que a televisão passa a transmitir ao vivo as partidas (BRUHNS, 2000, p.71).

Se os três primeiros períodos, na sociedade brasileira, foram marcados pelo amadorismo e surgimento do profissionalismo, na década de 1970 inicia-se um período caracterizado pela formação do profissional do futebol.

E quanto à participação feminina? Segundo Bruhns (2000) a história do futebol feminino mostra se inversa à do masculino:

O grupo feminino sempre pertenceu às classes menos favorecidas, razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante parecidos com os de seus colegas homens, comportamentos repudiados pela elite, numa atitude de evitação, recebendo julgamentos como “falta de classe”, “mau cheiro”, “povo grosseiro” e outras denominações atribuídas àquela camada da população duplamente marginalizada: do ponto de vista geográfico (pois geralmente essa camada social mora na periferia) tanto do ponto de vista social e político. ”(BRUHNS, 2000, p.74)

Às mulheres sempre foi reservado o cenário doméstico, onde se ocupavam dos afazeres da casa, além de serem esposas zelosas, frágeis e submissas com características femininas.

Os vestígios da primeira participação feminina no Brasil num jogo de futebol não podem ser anunciados, mas utilizo evidências que tenham ocorrido no Século XX. A data mais provável é 1921.

Dentre as poucas referências encontradas, temos a obra *História do Futebol no Brasil* do jornalista Thomaz Mazzoni (1928) que menciona a primeira partida de futebol feminino entre São Paulo F.C e América F.C em 1940. Outro historiador, José Sebastião Witter, afirma, que “no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre os times dos bairros da Cantareira

e do Tremembé, de São Paulo (FRANZINI, 2005, p. 317). No jornal correio Paulistano do dia 25 de janeiro de 1913 destaca

Realiza se hoje, no Velódromo Paulista, uma *attrahente festa sportiva*, em benefício do hospital das crianças da Cruz Vermelha. Foi organizado um interessante *match* de *foot-ball*, no qual os rapazes do *Sport Club Americano* preparam magníficas surpresas. Esse *match* será jogado entre um *team* de senhoritas e outro de rapazes. A iniciativa coube á senhorita Catharina Bertoni, que infelizmente não poderá tomar parte no grande '*match*', por ter sido *victima* de *accidente*, num dos *ultimos training*".(Correio Paulistano, 25/01/1913 apud MOURA, 2003, p.9)

No trecho acima notamos a figura feminina associada à filantropia. Na reportagem abaixo publicada no jornal *O Commercio de São Paulo* mostra que mulher e futebol era motivo de notícia. Este periódico afirma que este evento também tinha o caráter beneficente, segue a matéria abaixo:

FOOT-BALL. Match interessante-Senhoritas versus Rapazes-em beneficio da Cruz Vermelha. Pela primeira vez será disputado nessa capital, e talvez nunca o tenha sido em parte alguma, um interessante match de foot ball no qual tomarão parte: de um lado um team de rapazes e de outro lado (aqui é que está a novidade...) um team de senhoras. Nada mais seria necessário acrescentar, se não acreditássemos com segurança que muitos, se não todos, que nos lerem, não nos darão crédito. -Ora, dirão, senhoritas jogando football, entre as charges violentas e as corridas rápidas, os pouls e tantas 'cositas más' que muito 'pomer' não escora... Não, não póde ser; **o feminino é planta que não floresce num campo bem adubado, quanto mais num 'ground' duo,**<sup>6</sup> amassado pelos '44 bico largo' dos foot-ballers....Não é blague....-Não é tal, obtemperaremos: no match a que nos referimos que se realizará hoje no Velódromo Paulista, tomará parte um team composto 'exclusivamente' de senhoras de carne e osso (...) Para maior recomendação da festa sportiva que se realizará hoje no Velódromo, si não bastasse o facto de ser ella verdadeiramente uma 'premiere' para todos nós, está em que o seu producto reverterá em benefício dos cofres da Cruz Vermelha (...) O fim caridoso que tem o torneio sportivo que hoje assistiremos(...) Será bastante para levar ás suas archibancadas suma multidão selecta e numerosa(...) (*O Commercio de São Paulo*,27/01/1913 apud MOURA, 2003, p.10)

Embora o trecho anterior noticie uma partida de futebol beneficente, valorizando as características femininas de época, tais como, caridade e o intuito de ajudar a tal instituição ao qual eles dão ênfase, estes indícios de que a partida teria a participação feminina não é o que diz o jornal *O Commercio de São Paulo* do dia seguinte. Vejamos:

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

FOOT-BALL. O *match* de *hontem* em benefício da Cruz Vermelha. Teve o *successo* esperado o '*match*' de *foot-ball* que *hontem* se disputou no *Velodromo* Paulistano. Para encher o Domingo não faltaram *actrações*: *kermesse*, carnaval, cinemas, corso na avenida etc., e no entanto as *archibancadas* do *Velódromo* Paulistano ficaram repletas de senhoras, senhoritas e cavalheiros. E as pessoas que *hontem* estiveram no Velódromo nada perderam, nada ficaram a dever as outras que procuraram outros pontos para *gostar* a tarde dominical: ao lado do *agradável* passa tempo numa interessante prova *sportiva*, tiveram também a satisfação de que estavam praticando um acto de generosidade, concorrendo com esmola para um hospital que aqui em S. Paulo se pretende instituir para recolher as crianças pobres. *Attrahida* pela originalidade do torneio que se *annunciava* e ainda mais, e isso nós afirmamos considerando o *espírito* caridoso da sociedade paulistana, *attrahida* pelo desejo de *attender* um *appelo* altruístico, qual o de auxiliar o trabalho de *protecção* á *infancia* desamparada, numa *selecta* e numerosa concorrência *affluu* a o Velodromo, emprestando um aspecto encantador. Enquanto aos poucos as *archibancadas* iam ficando repletas, num dos compartimentos do Velódromo, as '*sportwomem*' cuidavam de sua '*toilette*'. Às 4 horas as equipas apresentaram se em campo, debaixo de prolongadas palmas da assistencia, **que não soube esconder a sua surpresa vendo no 'field', ao invéz de senhoritas, destemidos rapazes mettidos num elegante uniforme e com as faces 'totalmente' amassadas, á força do 'carmin' e de outros preparados pela moda.** Foi um logro, sem outras *consequencias* pregado ao publico... Logro? Acreditamos que não, porque *ninguem*, absolutamente *ninguem* podia imaginar que senhoritas se metessem em campo a disputar um '*match*' de '*foot ball*'. Quem nos leu *hontem*, ficou *sciente* da peça que os rapazes do Americano Preparavam... Enquanto a '*toilette*' com que *elles* se apresentavam, desde a toca japonesa saiote, não se podia dizer que *alli* estavam os *heroes* do sexo forte... Mas... O bico largo, o *formidavel* 44 condenava as pseudo-senhoritas, e todos, sem *excepção*, apontavam aqui Bertone e Otavio, *alli* Cyro e Jose Pedro e *alem* Décio, Ruffin, Giuzio, *applausos* aos '*foot-balers*' que promoveram e que *elle* tomaram parte. O jogo decorreu sempre com muita animação quer das '*senhoritas*' quer da parte dos rapazes. No primeiro tempo '*off-time*' e o '*team*' 'forte' conseguiu firmaram mais ataque, vencendo então por 6 '*goals*' contra 4. (*O Commercio de São Paulo*, 27/01/1913 apud MOURA, 2003, p.16)

Notamos então que neste jogo não houve participação das moças e sim de homens vestidos com trajes femininos, embora hajam registros que afirmem que a iniciativa deste ato beneficente tenha partido de duas mulheres: a médica Maria Renotte e a senhorita Catharina Bertoni, o jornal deu ênfase na atitude caridosa e materna das senhoras organizadoras.

O jogo de futebol propiciava às senhoras idas ao clube. Este era um evento social, local propício à paquera, mas limitava se a arquibancada. Eles, no campo e elas, na arquibancada como conta o jornalista Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro*:

O futebol prolongava aquele momento delicioso depois da missa. As moças, mais bonitas ainda. Tinham ido em casa, demorando se diante do espelho, ajeitando o cabelo penteado para cima, encacheado. Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição... No intervalo, o campo e

a arquibancada tornavam-se uma coisa só. Jogadores e torcedores nas arquibancadas. Os jogadores gostavam de aparecer um instante, suados, cansados, na arquibancada, para cumprimentar as moças. Não se demoravam muito, viam e iam, as travas das chuteiras rangendo no cimento.

As moças ficavam mais nervosas, aí é que não paravam de abrir e fechar os leques. Belos leques, uns grandes, de babados de renda, outros pequenos, de madre-pérola. E os pais e as mães perto, achando tudo aquilo muito certo, muito direito.

**E tudo estava mesmo muito certo, muito direito. Os filhos no campo, as filhas nas arquibancadas**<sup>7</sup>. Pais, filhos a família toda. (RODRIGUES FILHO, 1964, p.23-4 apud FRANZINI, 2005, p.318)

Analisando o trecho acima, notamos que as mulheres passaram a ser vistas neste ambiente com trajes de gala. O estádio era o local aonde algumas mulheres iam para flertar, outras acompanhavam os homens, talvez pelo fato de existir poucas atividades de lazer para a mulher. Portanto, elas eram bem vindas para animar os homens. Esta é a imagem que fica registrada da presença feminina nos estádios: torcedoras recatadas e comportadas.

A partir da profissionalização do futebol, houve grande apropriação do futebol pelas camadas populares e por consequência houve uma inibição da participação feminina nos estádios. Isto porque a prática deste esporte encontra-se ideologicamente justificada como veículo de imposição e expressão da virilidade.

O preconceito em relação à prática do futebol feminino tornava-se tão evidente que foi necessária a criação de uma lei para impedir a prática feminina. Esta foi uma resposta imediata, pois quando a hegemonia masculina começa a ser ameaçada e o futebol feminino avança (impulsionado pelas competições internacionais), consegue-se organizar a fim de se estruturar como uma modalidade esportiva feminina e aproximar-se do direito à prática.

Essa discriminação foi legitimada pelo Estado. Por meio das medidas tomadas no Governo Vargas contribuiu para o afastamento da modalidade. A Deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND)-Nº7/65 proibia “a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”. Somente na década de 1980 o CND reconheceu a necessidade de estimular a participação das mulheres em diferentes modalidades esportivas no país (CASTELLANI FILHO, 1988, p.64).

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

Estes preconceitos atrelados ao gênero, ainda presentes, cercam as praticantes de futebol por ser uma prática que exige velocidade, impacto, força e resistência, capacidades associadas à imagem do corpo e aos gestos masculinos.

Dentre tantas modalidades esportivas, o futebol ainda é resistente a presença feminina. No entanto a participação das mulheres evoluiu muito com o passar do tempo, são inúmeras as participantes desta modalidade. Mesmo assim, no Brasil é raro o número de mulheres que ocupam posições que permitam a tomada de decisão no futebol brasileiro<sup>8</sup>. Nestes, normalmente os homens atuam como técnicos, dirigentes, árbitros, entre outros. Destaco também a ausência da mulher no Tribunal de Justiça Desportiva (TJD). Além dos homens ocuparem as principais funções na equipe feminina.

Muitos são os argumentos possíveis para explicar a pouca visibilidade dada às mulheres neste espaço. Compreender o contexto histórico no qual a mulher estava e está inserida talvez seja a melhor maneira de relacionar a pouca participação destas no universo hegemonicamente masculino.

Em sua tese, Eriberto José Lessa de Moura (2003) afirma que

O futebol feminino nos Estados Unidos tornou-se *uma área reservada feminina*, reforçando a idéia de que o futebol “é coisa para mulher” bem diferente das concepções brasileiras, argentinas, italianas e inglesas, que utilizam o universo futebolístico como área reservada à classe masculina” (MOURA, 2003, p. 84)

Será que poderíamos dizer que há igualdade de gênero neste país? O beisebol, o futebol americano e também o basquetebol são entendidos como fenômenos esportivos americanos. Em outras palavras, são as modalidades que tem reconhecimento e paixão pelo público americano.

Sendo assim, José Miguel Wisnik (2008) nos dá pista para compreensão:

Podemos entender a importância e o relevo mundial do soccer feminino, nos Estados Unidos, em detrimento masculino: o jogo se opõe à virilidade excludente do futebol americano e do beisebol, dando vazão aos impulsos das mulheres sem lugar nos esportes dominantes” (WISNIK, 2008, p.154)

A partir daí, compreendemos a crescente participação das mulheres nos Estados Unidos. Segundo Goellner (2005), no Brasil esta trajetória dos diferentes

---

<sup>8</sup> Patrícia Amorim foi eleita presidente do Flamengo no dia 7/ 12/ 2009.

olhares da sociedade para o futebol feminino faz com que as mulheres tenham pouca visibilidade na prática deste esporte.

Se considerarmos que a participação feminina fora vedada no campo do legislativo entre os anos de 1965 até os anos de 1979, pode-se dizer que inúmeras foram as mulheres inibidas à prática esportiva, por outro lado, como nos diz Ludmila Mourão (2005), “as práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções normativas, morais e sociais, aderiram a sua prática”.

Segundo Jorge Dorfman Knijnik (2003) “a Confederação Brasileira de Futebol proibia os jogos femininos em estádios, só os autorizando sob a forma de “festivais” e não de competições” (p. 169). Este boicote era justificado pelos valores atribuídos a estes esportes competitivos, tais como, violência, agressividade, entre outros estereótipos. Se no Estado Novo, o discurso eugenista reforçava e limitava a escolha das atividades esportivas femininas, restavam às mulheres de elite e da classe média, presentes em clubes, a prática da natação, do tênis e outros ligados à ginástica feminina.

Havia também uma excessiva preocupação com o estereotipo por causa da mudança do corpo após a prática destas modalidades. Por isso, viam no futebol um instrumento de destruição da feminilidade além da não preservação dos padrões de beleza feminina.

A partir da metade dos anos de 1940, após a maior presença da mulher no mercado de trabalho, notam-se mudanças na participação feminina na sociedade, conquistando outros espaços, além do doméstico. Luciano Tódaro (1997) ressalta que, neste período, na cidade do Rio de Janeiro, as mulheres de classe trabalhadora lutavam contra o controle social e iniciavam a prática do futebol.

Embora isto tenha acontecido, as mulheres adentram no campo esportivo. E esta crescente participação foi vista com maus olhos pelos homens, como descrito no trecho da carta escrita por um cidadão ao presidente da República Getúlio Vargas:

*[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispoz a ser*

*mãe*<sup>9</sup>. Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. (José Fuzeira, carta datada de 25/04/1940 In - SUGIMOTO, Luiz. *Eva futebol clube*, 2003).

Esta carta reafirma a visão machista de um cidadão em relação ao desejo das mulheres em praticar a modalidade tida como maléfica ao corpo feminino. Já que a sociedade via na mulher uma figura sempre associada à mãe e à esposa. Mesmo assim, ocorre o aumento da participação feminina com os esportes.

As mudanças sociais provocadas pelo desenvolvimento das sociedades modernas, urbanas e industrializadas (as quais) fizeram com que as mulheres, além de ocupar expressivo lugar no mercado de trabalho, pudessem dedicar-se a outros interesses afora a maternidade, sua função mais importante na sociedade patriarcal tradicional. (MOURÃO 2003, p.124-5).

Muitas foram as iniciativas para ascensão e divulgação do futebol feminino em nosso país, porém repletas de contradições.

Alguns avanços podem ser considerados. Nos primeiros anos da década de 1980 foi fundada a Liga de Futebol de Praia Feminino do Rio de Janeiro, neste mesmo período foi fundada a Liga de Futebol de Salão Feminino no Rio de Janeiro. O Esporte Clube Radar (E.C. Radar - RJ) implantou o futebol feminino. Outra grande conquista aconteceu em 1987, ano em que a Helena Pacheco torna-se a primeira mulher a trabalhar como técnica numa equipe de futebol feminino. (MOREL & SALES, 2005, p. 256)

Na década de 1980, pode-se dizer que o futebol feminino ganhou espaço da mídia, aumentou consideravelmente o número de praticantes e teve significativa melhoria na organização de campeonatos. Desde a década de 1990, a participação feminina aumentou em eventos internacionais<sup>10</sup>, porém, mesmo com o grande número de praticantes o interesse pela mídia não cresceu.

---

<sup>9</sup> Grifo nosso.

<sup>10</sup>Campeonato Mundial na China (1991), Campeonato Mundial na Suécia (1995), Olimpíadas de Atlanta (1996), Campeonato Sul americano na Argentina (1998), Campeonato Mundial nos Estados Unidos (1999), Olimpíadas em Sidney (2000), Campeonato Mundial nos Estados Unidos (1999 e 2003), Olimpíadas em Atenas (2004), Campeonato Mundial nos Estados Unidos (2007), Olimpíadas em Pequim (2008).

Recentemente, em 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) reeditou o campeonato paulista de futebol feminino, chamando o de *Paulistana*. Implementou como regra básica que todas as atletas deveriam ter beleza e cabelos compridos para jogar futebol (PAIM, 2006, p.13). Esta iniciativa causou muita polêmica entre jogadoras habilidosas que tinham o cabelo curto ou raspado. Logo, o que seria dos jogadores não tão bonitos se o futebol masculino copiasse esta regra?

Segundo KNIJNIK e VASCONCELLOS (2003, p.79) as mulheres que disputaram este campeonato foram proibidas, por força de regulamento, de “falar mal” publicamente da competição, podendo sofrer retaliações violentas, como expulsão do campeonato, além da perda de pontos de seu time. Com qual intenção a FPF fez isto? Tornar o futebol mais belo? Com características destinadas ao sexo feminino, ou seja, graciosidade, sensualidade e o futebol apenas um detalhe.

Na atualidade o quadro mais injusto se verifica no esporte de alta performance. São raros os momentos que acompanhamos notícias do futebol feminino no Brasil, muito raramente no decorrer dos Jogos Olímpicos, Campeonato Mundial ou Jogos Pan Americanos. Apesar destas conquistas, para que aconteça (de fato) a expansão do futebol feminino em nosso país é indispensável o interesse da mídia, investimentos financeiros, patrocínios, além da valorização das jogadoras. O que notamos são as iniciativas precárias de apoio financeiro, condições de treino, alojamento, alimentação e tudo que é necessário para o desempenho atlético.

Apresento alguns trechos de depoimentos sobre as dificuldades que o futebol feminino enfrenta e o descaso da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) com as atletas. Vejamos os exemplos das atletas da seleção brasileira de futebol feminino na última Olimpíada realizada em Pequim (2008). O futebol feminino do Brasil era a grande esperança brasileira em trazer a tão esperada medalha inédita de ouro no futebol, mérito ainda não conseguido pelo time masculino.

No dia 21 de agosto de 2008, véspera da final do futebol feminino, disputado entre Brasil e Estado Unidos, o jornal Correio Popular trazia um comentário sobre esta grande final e o mérito da seleção brasileira ter chegado até a final sem grandes patrocínios. O jornal destacava:

Prestes a lutar pelo ouro inédito do Brasil na modalidade, **Bárbara é uma desempregada...** Sem clube para trabalhar, após os Jogos da China ela voltará a viver da Bolsa Atleta, uma ajuda do governo federal para alguns atletas brasileiros que não tem patrocínio... Bárbara espera que o ouro venha, e com ele uma nova proposta de emprego. (CORREIO POPULAR, 2008)

A expectativa da goleira Bárbara, antes da final, reflete as reivindicações da equipe feminina e reforça a necessidade de apoio diante do pouco incentivo. Situação bem diferente dos jogadores da seleção brasileira masculina de futebol, que ganham altos salários e tem ótimas condições de trabalho.

### 2.3 Dos campos às quadras

O futebol de salão é um esporte nacional criado em 1956 com a publicação das suas primeiras regras por Luiz Gonzaga de Oliveira (REIS, 2009). Nesta década a modalidade é reconhecida e regulamentada. No dia 25 de julho de 1971 surge a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA). No final desta década foi extinta o CND e surge a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) que mais tarde filia se a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Esta década foi caracterizada pela internacionalização da modalidade. Não diferente da trajetória do futebol de campo as mulheres adentram em quadra posteriormente. Apenas no ano de 1983 que a FIFUSA autorizou a prática do futebol de salão feminino.

Porém o surgimento do Futsal<sup>11</sup> ocorreu no final da década de 1980 e início da década de 1990. É resultado de uma fusão entre o futebol de salão, praticado pela FIFUSA e o futebol cinco. (SANTANA, 2008). Embora a modalidade seja parecida existem diferenças<sup>12</sup> entre elas.

O Futsal feminino ainda é uma modalidade recente, mas com um grande número de adeptas. Apesar de aparente avanço do Futsal, hoje o descaso também é evidente.

Apenas em 2001 a seleção Brasileira de Futsal feminino se reuniu pela primeira vez. No ano seguinte, foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Seleções de Futsal Feminino. Recentemente no Brasil, setembro de 2009, a UNICAMP teve o privilégio de sediar o III Campeonato Sul Americano de Futsal feminino<sup>13</sup>. Aqui está o

---

<sup>11</sup> O Futebol de salão foi o precursor do Futsal.

<sup>12</sup> O tamanho e peso das bolas (no futsal, ela é maior e mais leve), permissão de realização de tentos dentro da área do goleiro adversário (no futsal), a maneira de reposição da bola em jogo nos tiros de laterais e de canto (no futsal isso é feito com os pés). (REIS, 2009)

<sup>13</sup> O I Campeonato Sul-Americano de Futsal Feminino foi realizado em 2005, no Brasil. Em 2007 o Equador sediou o II Campeonato Sul-Americano de Futsal Feminino

descaso. Embora fosse um evento Internacional não recebeu atenção da mídia. A respeito disto, Reis (2009) ressalta que:

A grande mídia não se sentiu atraída pela disputa do tri campeonato de futsal pelas atletas brasileiras. Nenhuma nota foi dada nos principais jornais de circulação estadual, a cobertura televisiva ficou circunscrita ao âmbito regional e evidenciou se mais uma vez a discriminação da mulher atleta. (REIS, 2009)

A pouca divulgação do evento afastou muitos interessados pela modalidade. Algumas pessoas não foram informadas do início do campeonato e também do acesso aos ingressos, distribuídos gratuitamente. Tive o privilégio de assistir a alguns jogos da seleção feminina. E o mais interessante foi observar o público misto torcendo pelas mulheres, embora a maioria da torcida nem ao menos soubesse o nome das jogadoras.

Os comentários pasmos e os olhares embaçados da torcida masculina (que assistiam ao jogo atrás de mim) ao ver as mulheres jogando futebol eram assustadores e com tom de inconformidade. A cada passe perfeito surgiam os comentários, a cada jogada ensaiada, a cada chance de gol, os comentários admirados em ver a força do chute, uma dividida de bola, a movimentação intensa das jogadoras em quadra, marcação, disciplina em quadra etc. A partir desta experiência pude perceber que mesmo no ambiente universitário a prática do futebol feminino ainda é motivo de desconfianças, preconceitos e críticas.

## 3 Metodologia

---

---

Devido ao fato de essa pesquisa ter como objetivo investigar trajetórias de jogadoras de um time de futsal, optamos por fazer entrevistas com as mesmas. A opção pela realização de entrevistas<sup>14</sup> semi estruturadas deu-se pela possibilidade de aprofundar o tema de acordo com as respostas obtidas e enriquecer a investigação.

A pesquisa foi feita com uma equipe de futsal, por existir um maior número de equipes de futsal feminino do que de futebol de campo. Esse fato deve-se, em grande parte, a maior facilidade de organização de equipes de futsal do que de futebol de campo, pois o número de jogadoras necessárias para jogar é inferior, bem como o espaço físico necessário é menor. Isso já evidencia parte das dificuldades enfrentadas para do futebol feminino.

Foi selecionada uma equipe da cidade de São Paulo, maior cidade do Brasil, que oferece oportunidades esportivas em diferentes modalidades esportivas, dentre elas, o futebol de campo e o futsal. Definimos por realizar a pesquisa com um time com o qual eu não tivesse proximidade e não conhecesse previamente as jogadoras, de modo que isso não influenciasse na pesquisa. Assim, a escolha da equipe se deu a partir de indicações de uma amiga que também joga futsal. Ela conhecia o técnico da equipe Raposas da Leste e mediou o primeiro contato com o time no início de março de 2009. Apresentei em linhas gerais o projeto e a equipe ficou entusiasmada com a idéia de participar da pesquisa. Deste modo, a boa receptividade das jogadoras e da comissão técnica foi outro motivo para que a pesquisa fosse ali desenvolvida. Além disso, a equipe era organizada e comprometida com os treinos, características imprescindíveis para os objetivos da pesquisa e a concretização do trabalho de campo.

Em abril de 2009 comecei a acompanhar os treinos<sup>15</sup> até dar início às entrevistas propriamente dita. Observei os treinos, realizados sábados à tarde, ao longo de dois meses. O trabalho de campo constituiu na observação desde a chegada das

---

<sup>14</sup> O roteiro das entrevistas e as entrevistas estão em anexo.

<sup>15</sup> Antes do início das entrevistas, acompanhei a um mês de treino. Este período foi necessário para minha aproximação junto a equipe e também para formação do novo elenco de 2009. A primeira entrevista foi realizada no mês de maio de 2009.

atletas e comissão técnica ao local de treino até a saída dos mesmos. Estes momentos foram repletos de roda de conversa formal sobre os treinos e competição, conversas informais com as atletas, além de ter vivenciado a experiência de “preencher” o time nos coletivos. A opção por treinar aos sábados garante as entrevistadas trabalhar e estudar durante a semana e ter uma opção de lazer no final de semana, portanto o rendimento atlético é prejudicado, visto que treinar uma vez por semana não é o ideal para uma equipe de alto rendimento.

Este período foi necessário para minha aproximação junto a equipe. Também foi o período em que a formação do novo elenco de 2009 estava sendo feita. A primeira entrevista foi realizada no mês de junho e a última em setembro de 2009. Durante esse período, continuei acompanhando os treinos e os três campeonatos dos quais a equipe participou. Foi feito um total de 10 entrevistas. Elas foram gravadas por meio de gravador de áudio e posteriormente transcritas integralmente. A coleta dos dados aconteceu no local e antes do início do treino das atletas. Foram feitas, em média, duas entrevistas por treino.

Antecedendo a realização das entrevistas, foi informado o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>16</sup>. Uma cópia assinada do TCLE foi entregue a cada voluntária. Os nomes das atletas não serão identificados no estudo, serão utilizados nomes fictícios<sup>17</sup>.

### **3.1 As protagonistas**

As mulheres entrevistadas atualmente treinam no time de futsal: o Raposas da Leste. Este é um time amador da Zona Leste de São Paulo. É uma região que está em desenvolvimento e é caracterizada pela baixa renda populacional. Apenas algumas atletas moram no bairro, o restante vem de diferentes localidades do município de São Paulo.

O Raposas da Leste foi fundado em 2002 e inicialmente era composto por estudantes de educação física da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), embora não tivesse vínculo oficial com a mesma. Mais tarde outras jogadoras

---

<sup>16</sup> O mesmo encontra se em anexo.

<sup>17</sup> Será feita uma homenagem às mulheres que fizeram parte da minha formação

ingressaram no time, deixando de ser restrito às alunas da faculdade e passando a realizar os treinos fora no campus universitário.



Figura 1 – Logo do time de futsal feminino do Raposas da Leste

Antes de formar o time feminino, o técnico do time treinava o Raposas da Leste masculino e ao ser chamado para treinar o time feminino, surgiu a ideia de formar o Raposas da Leste feminino, mais conhecido como Raposas.

São atletas amadoras que não obtém lucros financeiros com esta prática. Hoje fazem parte do time quinze atletas com faixa etária entre dezenove e vinte e seis anos. A comissão técnica é formada pelo técnico e auxiliar. Totalizando dezessete membros na equipe. Lembrando que o técnico e o auxiliar não recebem qualquer ajuda financeira para treinar as atletas. Quando o time se inscreve para participar de algum campeonato, os gastos são divididos entre elas, o mesmo acontece para compra de materiais esportivos.

Elas treinam aos sábados numa quadra pertencente ao Centro Educacional Unificado (C.E.U). Este espaço foi negociado pela Coordenadora de Esportes. Todas as jogadoras do time são sócias do CEU e não tem despesa alguma com o uso da quadra. O treino começa às seis horas da tarde e tem duração de duas horas. De início as observações no mês de abril e até o mês de setembro todos os sábados foram dedicados a observar os treinos e a entrevistar as atletas.



**Figura 2-** Equipe Raposas da Leste, abril de 2009.

Embora o foco da pesquisa tenha sido as entrevistas com as jogadoras, muitas foram as contribuições “extras” durante este período, tanto pelas observações, como também pelas conversas com as jogadoras e muitas vezes também com as (os) acompanhantes das atletas. Entre algumas conversas, elas relataram que além treinar, também vão aos estádios assistir seus times<sup>18</sup> em campo, assistem a programas esportivos, acompanham as notícias do seu time de futebol, além de vestir camisas que representam seu clube.

Observando aos treinos, percebi que as jogadoras se preocupam em demonstrar suas habilidades no treino tático, além da preocupação a respeito do posicionamento e jogadas a serem realizadas nos jogos oficiais. Embora as atletas tenham esta preocupação em fazer no jogo o que é treinado, há muitos momentos de descontração por parte delas, do técnico e principalmente da torcida<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Acompanham ao clube de futebol masculino.

<sup>19</sup> A torcida presente neste ambiente é formada principalmente por amigos (as), namorados (as) e crianças.

O treino oscila em divertimento e seriedade. Por mais que seja uma opção de lazer, o futsal é também um esporte de rendimento e são cobradas por isto.



**Figura 3-** Atletas durante o treino no C.E.U

Além disso, as observações contribuíram para criar uma proximidade com as atletas, o que foi benéfico para as entrevistas. Durante a entrevista, muitas sentiram-se tímidas diante do gravador e percebi que selecionavam o que iriam falar. Outras se esqueciam da presença do mesmo e falavam (ou melhor, desabafavam).

O técnico da equipe buscou sempre incluir a equipe em algum campeonato de futsal para dar “ritmo” ao time. No mês de abril, o Raposas disputou os *Jogos da Cidade*, um campeonato amador organizado pela prefeitura de São Paulo. Pude torcer e acompanhar alguns jogos. No mês de setembro, elas entraram em duas competições: uma na cidade de Caieiras e outra na Zona Leste da cidade de São Paulo. O primeiro jogo disputado em Caieiras foi em 13 de setembro de 2009. Embora originalmente não fizesse parte da pesquisa, a ida aos jogos foi um complemento da mesma. Com a minha presença na arquibancada aumentou o vínculo entre as entrevistadas e eu.

Uma das grandes dificuldades que pude observar quanto à organização do time foi a dificuldade em manter as jogadoras por muito tempo. Algumas saíram da equipe por motivo de trabalho, outras por alguma lesão e até mesmo pela distância do local de treino.

No período em que acompanhei o time, algumas deixaram a equipe assim como outras chegaram para compor a mesma. Estas jogadoras chegam até o time por meio de convite das próprias integrantes do time ou da comissão técnica. Muitas já se conheciam de outros clubes ou de terem jogado num mesmo campeonato.



**Figura 4-** Primeiro jogo no campeonato de Futsal de Caieiras, 13 de setembro de 2009

Durante todo o período da pesquisa fiquei informada a respeito do cotidiano do time, jogos, treinos através do grupo de e-mails. Estas jogadoras de futsal possuem trajetórias não muito diferentes.

**QUADRO 1**  
**Perfil sócio econômico das atletas**

N.	NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	CURSO SUPERIOR	RENDA
1	Alessandra	25	Superior incompleto	Consultora de merchandising	Rádio e TV	1.400,00
2	Elaine	28	Superior completo	Professora de Educação Física	Educação Física	1.700,00
3	Heloisa	23	Fundamental	Cobrador de ônibus	-----	800,00
4	Luciane	25	Ensino médio	Operadora de telemarketing	-----	
5	Manuela	26	Superior completo	Auxiliar administrativa	Educação Física	900,00
6	Helena	19	Ensino médio	Babá	-----	1.000,00
7	Fátima	22	Superior completo	Professora de Educação Física	Educação Física	1.000,00
8	Melinda	19	Superior incompleto	Atendente	Educação Física	900,00
9	Tatiana	21	Superior incompleto	Estagiária de Educação Física	Educação Física	400,00
10	Victória	25	Superior incompleto	Massoterapeuta	Educação Física	-----

No quadro 1, podemos perceber que, algumas ainda não concluíram o Ensino Básico<sup>20</sup>. Com exceção de uma, todas as outras jogadoras têm ensino superior (completo ou incompleto), e cursaram educação física. Em parte, isso está relacionado ao fato desse time ter surgido no meio universitário, em um curso de educação física. Por outro lado, chama a atenção que a profissão de professora de educação física é a de maior status social na equipe, sendo as outras profissões de remuneração ainda mais baixa e a maioria delas não exige formação superior. A média de idade das jogadoras é de 23 anos.

<sup>20</sup> O Ensino Básico compreende a Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio.

## 4 Trajetórias de jogadoras de futsal

A análise das entrevistas foi feita a partir de algumas categorias importantes para o tema de pesquisa, quais sejam o início da prática do futebol, a prática na escola, os incentivos e desincentivos recebidos, as dificuldades encontradas, os espaços para a prática, as expectativas com o futebol feminino e as mudanças sugeridas para a melhoria da modalidade. A partir destas falas, poderemos entender como foi/é a trajetória destas atletas e as suas expectativas com o futebol feminino.

### 4.1 Início da prática

Ao perguntar a idade de início da prática do futebol, as mulheres não hesitaram em responder. Embora eu acredite que seja muito difícil precisar a data dos primeiros contatos com o futebol, o importante aqui é analisarmos a faixa etária que estas atletas começaram a praticá-lo. As respostas variaram entre os 4 - 10 anos de idade.



**Gráfico 1** - Idade do início da prática do futebol.

Notamos que a maioria iniciou a prática entre os seis e sete anos de idade. Algumas atletas iniciaram a prática mais tarde, entre os sete e dez anos. Segundo SOUZA JUNIOR (2008), este “atraso” das meninas em ingressar na prática do futebol

deve-se a aspectos culturais, devido, principalmente, a determinações de seus pais, que provavelmente, são contaminados por valores de uma sociedade machista em relação à prática do futebol.

Interessante analisar também o local onde foi dado o início desta prática. Temos então, três locais citados: escolinha de futebol, aulas de educação física e na rua. Apenas uma jogadora informou ter iniciado a prática nas aulas de educação física. Cinco jogadoras citaram a rua como local de início da prática e, como mostra o quadro 2, este ambiente foi rodeado pela presença masculina. MOREIRA & CUNHA, 2008; SILVEIRA, 2008; TÓDARO, 1997 corroboram esta afirmação. Tódaro (1997) em entrevista feita com as atletas da seleção brasileira de futebol averiguou que estas mulheres também iniciaram a prática do futebol nas ruas, clubes ou outro local e não no ambiente escolar. Silveira (2008) afirma que várias praticantes entrevistadas jogavam futebol desde a infância na rua e com os meninos.

## QUADRO 2

### Local, idade e companhia no início da prática

Atleta	Idade	Local	Com quem?
Alessandra	4	Rua	Meninos do bairro
Elaine	7	Rua	Meninos (vizinhos)
Heloisa	7	Rua	Meninos (amigos)
Luciane	8	Rua	Meninos (primos, amigos e tios)
Manuela	9	Escolinha de futebol	Meninas
Helena	10	Aula de educação física	Meninos da sala
Fátima	7	Quadra (da escola) <sup>21</sup>	Amigos, irmão e irmã.
Melinda	6	Escolinha de futebol	Meninas
Tatiana	4	Escolinha de futebol	Meninos
Victória	6	Rua	Meninos (amigos)

<sup>21</sup> A atleta disse que jogava na quadra da escola, mas este espaço físico era aberto à comunidade.

A jogadora Fátima relatou que deu início a prática na escola, segundo ela: *A quadra era liberada, a gente ia lá e... entrava e jogava..* Nota-se que estas aulas eram o verdadeiro “rola a bola”, não eram planejadas. Embora ela tenha iniciado a prática nas aulas de educação física, não parece ter sido um incentivo intencional<sup>22</sup> por parte da professora ou professor.

Algumas delas, antes mesmo de perguntar com quem praticavam, já relacionavam o lugar da prática com os meninos. Foi algo marcante no discurso das atletas. Elas relatam:

Quando eu comecei, na rua mesmo. Eu cresci com três primos e aí era só futebol na vila e eu fui aprendendo a jogar futebol com eles. (Alessandra)

Jogava mais com os meninos. Na Educação Física, elas não queriam jogar futebol, o jeito era jogar com os meninos. (Helena)

Dois das entrevistadas disseram ter iniciado a jogar na escolinha de futebol. Uma delas comenta que iniciou por ter visto meninas jogando.

Minha mãe me colocou na ACM para fazer natação, aí eu vi as meninas jogando fiquei maior interessada. Aí comecei a praticar e hoje é a maior paixão da minha vida. (Melinda)

Como pudemos observar no quadro 2 as meninas que iniciaram a prática na rua e na escola jogavam entre os meninos. A figura masculina refere-se aos amigos, primos e vizinhos. A jogadora Helena iniciou a prática entre os meninos na escola, isto já com os seus dez anos de idade. Portanto, algumas foram ter o contato tardiamente com a modalidade somente entre as meninas, o local escolhido foi a escolinha de futebol. A única jogadora que iniciou a sua prática precocemente na escolinha de futebol foi a jogadora Tatiana. Desde os quatro anos de idade ela jogava numa escolinha de futebol mista.

Como descrito na fala acima, a jogadora Melinda iniciou sua prática na escolinha de futebol feminino aos seis anos de idade, porém inicialmente o contato com o clube (ACM) era para fazer natação. Já a jogadora Manuela iniciou a prática na escolinha de futebol feminino por vontade própria, isto ocorreu somente aos nove anos de idade. Sendo assim, podemos dizer que a entrada de meninas na escolinha de futebol

---

<sup>22</sup> As aulas não foram trabalhadas adequadamente para a prática.

feminino acontece tardiamente. Mesmo assim, a maioria iniciou na rua e algumas iniciaram a prática entre os seis e oito anos de idade.

Então, o que levaria a escolha por esta modalidade? Quando perguntamos a respeito disto, a maioria respondeu que simplesmente gostava. A jogadora Helena comentou: *“Eu não sei explicar. Só sei que eu adoro jogar futebol. A coisa que eu mais gosto. Se eu pudesse fazer todo dia eu faria”*. A jogadora Melinda complementa: *hoje é a maior paixão da minha vida*. Um depoimento semelhante foi dado pela jogadora Victória: *A alegria é só de estar jogando, acho que já satisfaz tudo*.

Em estudo realizado por Raquel Silveira (2008), no qual buscou relacionar o associativismo esportivo de mulheres no futebol, ela analisou três aspectos: o esporte, a homossexualidade e a amizade. O futebol era um espaço de constituição de redes de amizade entre as jogadoras. No Raposas da Leste, a atleta Manuela ressalta a importância do futebol para a construção de relacionamentos extra quadra.

Todos os meus amigos são do meio do futebol. Hoje meu ciclo de amizade são pessoas que jogam comigo, que eu conheci através do futebol. Então todos os momentos que eu vivo na minha vida hoje é por causa do futebol. Os meus amigos eu conheci, as meninas eu conheci no futebol, jogando.(Manuela)

Um dos espaços citados de prática do futebol foi a escola. Há de considerar, no entanto, que este foi um local de muitos conflitos e merece um maior detalhamento nas próximas linhas.

## **4.2 Memórias do futebol *na* escola**

Embora o futsal fosse conteúdo das aulas de Educação Física, as entrevistadas relatam que este momento era desfrutado principalmente pelos meninos. Mesmo cientes disto, elas relatam da insistência para se inserir na área reservada masculina. Dunning (1992) utiliza-se do exemplo do rugby na Inglaterra por volta de 1850 e nos diz que este era um espaço reservado, onde podiam reservar sua masculinidade ameaçada e ao mesmo tempo imitar, denegrir e reificar as mulheres, a principal fonte de ameaça (DUNNING, 1992, p. 400).

O espaço escolar, sem dúvida, foi um local onde as entrevistadas passaram por resistências para poder se firmar enquanto praticante de futebol.

As entrevistadas relataram que o interesse pela prática do futebol feminino no ambiente escolar apresentava uma ameaça aos meninos. Sendo assim, dois elementos poderiam afastá-las da prática do futebol na escola: primeiro por serem meninas e segundo por serem inabilidosas.

Ao falar deste interesse, elas relatam:

Eu joguei pelo campeonato da escola. Entre escolas e entre salas. Eu joguei a maioria das vezes com menino.” (Tatiana)

Eu era uma de quatro meninas da escola inteira que jogava. Tanto é que, no último campeonato, minha sala... Era um campeonato que estava aberto, misto, só que eu fui a única menina que participou. Minha sala entrou com duas equipes, nós estávamos em quatro meninos, um no gol e três na linha e mais eu na linha. A gente foi campeão do campeonato! (Melinda)

Nota-se que não há um discurso dos meninos jogando com as meninas e sim elas, a minoria, jogando com eles, a maioria. Se pensarmos que esta minoria feminina jogava com os meninos, o que faziam a maioria feminina? E como era a participação das outras meninas na aula de educação física<sup>23</sup>? Questionadas sobre a presença das meninas nas aulas de Educação Física, elas relembram:

Jogava mais com os meninos. Na educação física, elas não queriam jogar futebol o jeito era jogar com os meninos (...) Elas não gostavam... gostavam de outras coisas. Não gostavam de futebol. Eram poucas... era eu e mais umas duas, só.” (Helena)

As meninas eram todas ruins. [...] Tinha mais algumas, mas bem o básico. Eu jogava mais que elas (Elaine)

Este “*ruim*” me remete as “*antas*” na fala de Daolio (2006, p.74) ao dizer que as meninas foram delegadas pela história cultural a esta condição ao realizar atividades de força, velocidade e destreza. Assim como a habilidade para o futebol era de domínio da atleta, o que não garante um domínio para outras atividades, como a dança, a ginástica ou qualquer outra que não envolva velocidade e impacto.

Como mostra a pesquisa de Cátia Pereira Duarte & Ludmila Mourão (2007) a aula de Educação Física para as meninas menos hábeis é um momento em que

Vivem um conflito entre a realização das atividades e a frustração das mesmas, pois se preocupam com o fato de não realizarem o gesto

<sup>23</sup> Sobre relações de gênero em aulas de educação física vide SOUZA, 2009, FERNANDES, 2008, ALTMANN, 1998.

esportivo ou o movimento exigido segundo a habilidade esperada pelos colegas e , muitas vezes, pelos professores. (DUARTE e MOURÃO, 2007, p. 46).

Jogar futebol na escola foi marcado por muita resistência, tanto dos alunos (as) e em alguns casos até de professores (as). Elas comentam que as meninas, além de não jogar futebol, também não se interessavam em fazer outras atividades esportivas. Em alguns casos elas faziam atividades esportivas “femininas”, tais como ginástica e vôlei. Como relata:

Ninguém jogava. Só ficava parada. Fazendo nada, às vezes quando a professora dava ginástica, alongamentos, elas faziam. Fora disso, era só o masculino que tinha. (Victória)

As meninas só queriam saber de jogar vôlei. (Luciane)

Outras relatam que a participação feminina nas aulas de Educação Física era somente por causa da obrigatoriedade.

Jogava com os meninos e jogava com algumas meninas. Algumas... só porque era dado nota, então elas jogavam.”. (Heloisa)

Porque assim, cada bimestre era um esporte. E aí quando eram dois meses de futebol, as meninas tinham que jogar também. (Alessandra)

Já que esta modalidade era pouco frequentada pelas meninas da escola, o que dizer então da aceitação masculina? A respeito disto, ela disse que era um ambiente que tinha

[...] sempre muito preconceito. Desde o começo. [...] Ah porque os moleques falaram que eu era “Maria João”. Sapatão, jogava bola. (Manuela)

No começo eles falavam – “ah não, não sabe jogar”. Aí outros moleques – “deixa ela jogar só para você ver”. Aí quando eles viam que eu jogava, nossa... iam até na sala chamar para jogar.”(Victória)

Às vezes eles não queriam me deixar jogar, não. Às vezes eu pegava a bola e ficava no meio da quadra e falava: “só vai jogar se eu jogar! Se não ninguém joga!” (Luciane)

Quando você começa a jogar, você começava a demonstrar, aí os meninos viam que sabia jogar aí sempre queria chamar para jogar.” (Elaine)

Ao iniciar este ponto, recorro a Altmann (1998, p.26) ao afirmar que “o esporte é um meio de os meninos exercerem domínio de espaço na escola”. Portanto, as meninas relatam quão difícil foi se inserir e resistir a esta dominação masculina.

Na fala da jogadora Elaine, podemos ver o interesse dos meninos em jogar com ela, embora fosse necessário primeiro demonstrar suas habilidades esportivas. No caso da jogadora Luciane, mesmo sendo “boa de bola”, os meninos não tinham interesse em incluí-la no jogo como acontece nas observações realizadas por Altmann (1998).

Embora tenham sofrido preconceitos em relação à prática do futebol na escola, os discursos demonstram que elas tiveram que criar estratégias de resistência, por exemplo: demonstrar suas habilidades, segurar a bola no meio da quadra e não deixar que se iniciasse o jogo dos meninos. Estas foram algumas maneiras de resistir à dominação neste espaço masculino.

A demonstração de habilidades era uma das estratégias para não serem excluídas do jogo. Como mostram as falas seguintes:

Dava uns dribles neles e eles falavam –“ah ..pô, joga bem hein, que num sei o quê...” e aceitavam. (Luciane)

Os moleques ficavam doidos, principalmente quando eu fazia os gols, eles não aceitavam. Por uma menina estar fazendo gol neles, os goleiros principalmente. Eu lembro que uma vez eu dei um rolinho no moleque. O moleque foi zoadado para o resto do ano. (Melinda)

Esta última fala ilustra a participação feminina na escola. Imaginemos o oposto: um menino dando um “rolinho<sup>24</sup>” numa menina. O efeito não seria o mesmo. Afinal é esperado socialmente esta superioridade masculina dentro de quadra. Como citado por Altmann (1998, p. 71) jogar mal contra uma menina é profundamente vergonhoso e a pior avaliação que um menino poderia receber sobre seu desempenho era ter jogado pior que uma menina.

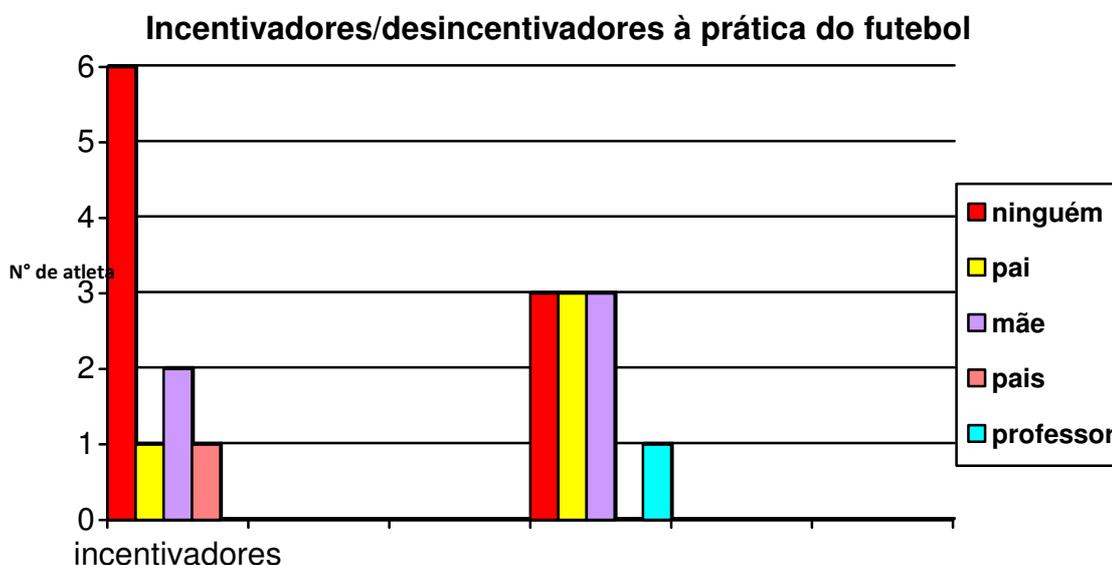
Dentro da escola a imagem das meninas estava associada a pouca habilidade com os pés e aquelas que dominavam as noções do jogo eram tachadas pelos colegas com apelidos que as inferiorizavam. Dentre outros aspectos influenciadores da prática do futebol por estas mulheres, ressalto a importância do apoio dos familiares, amigos, professores nesta trajetória futebolística. A seguir apresentarei quem foram os incentivadores e os desincentivadores destas garotas.

---

<sup>24</sup> Tipo de drible caracterizado pela passagem da bola por entre as pernas.

### 4.3 Incentivos/desincentivadores à prática do futebol

Sobre quem as incentivou a praticar futebol, a resposta mais rápida e espontânea foi o “Ninguém”. Seis das dez afirmaram isto. Helena, a mais nova jogadora da equipe, foi uma das que disse: *Ninguém me incentivou*. Algumas citaram o apoio dos pais. O apoio dado as atletas remetem a aceitação da prática por parte dos pais<sup>25</sup> Este apoio esteve ligado ao incentivo pessoal e principalmente ao financeiro.



**Gráfico 2-** Incentivadores e desincentivadores à prática do futebol.

O gráfico acima também revela o não incentivo recebido por professores(as) de educação física a prática. O professor foi mencionado por apenas uma jogadora, no entanto, como alguém que desincentivou a jogar. A jogadora Melinda alega que um de seus professores foi uma das pessoas que a desincentivou a jogar futebol, segundo ela ele “*era uma pessoa que não estava focado no trabalho, ele só estava a fim de ir para ficar<sup>26</sup> com as meninas*”.

As falas a seguir mostram este tipo de apoio:

Minha mãe que falava –“vai, não sei o que...”, “ah filha, se você gosta vai atrás” minha mãe foi sempre quem me deu incentivo. (Elaine)

<sup>25</sup> Palavra utilizada no plural que significa pai e mãe.

<sup>26</sup> Relacionamento amoroso caracterizado pela ausência de compromisso.

Meu pai, mais o meu pai.[...] Ele me levava, ele pagava a escolinha.”(Tatiana)

A jogadora Elaine disse que sua mãe sempre deu apoio moral para que pudesse praticar. As outras duas jogadoras que citaram o pai como incentivador, disseram que podem considerá-lo pelo fato de terem ajudado financeiramente. O termo utilizado por elas foi o “*paitrocínio*”. Outras duas jogadoras da equipe enfatizaram a influência da amizade entre as atletas da equipe para se manterem dentro de uma equipe jogando. Elas contam:

Ninguém, assim eu acho que foi lá na ACM, a nossa amizade, porque assim meu pai e minha mãe sempre me apoiaram em tudo, se eu quero fazer isso eles falam – “vai lá e faz, você acha que vai ser bom para você, vamos lá. (Melinda)

Éeee...primeiramente eu. Que se não por mim mesmo... -“eu vou conseguir”... E também o time feminino. As meninas que me acolhem. (Heloisa)

Eu acho que como eu cresci com meus primos, sempre pratiquei futebol, eu acho que foi uma coisa na “veia”, tipo... eu sempre gostei então ...eu sou acostumada. Mas minha mãe, ela é bastante esportista, assim. Ela é muito torcedora, ela gosta de vôlei, ela gosta de formula 1, gosta de futebol, ela adora esportes em geral. , sempre está assistindo o esporte espetacular<sup>27</sup>. Então a minha mãe sempre ia naquelas coisas todas. Eu acho que estimulou um pouco. ”(Alessandra)

Interessante notar a fala da jogadora Melinda, pois primeiramente ela me disse que ninguém a incentivou. Segundos depois, ela se lembra da importância de algumas meninas que jogaram com ela na escolinha de futebol e por último cita seus pais num tom de eles “*apoiam tudo*”. Com a jogadora Alessandra aconteceu o mesmo, primeiro disse que o incentivo pode ter partido da convivência com seus primos e, por último, diz acreditar na influência da sua mãe. Ao perguntar sobre os incentivadores, as entrevistadas não tinham claro quem eram os (as) incentivadores (as) desta prática. Não foi tarefa fácil puxar da memória estas pessoas que pelo visto estão tão distantes.

Se por um lado tivemos os motivadores não poderíamos deixar de apresentar os “vilões” destas trajetórias. Adianto que a família é um dos componentes que ao mesmo tempo incentiva com palavras de apoio é também aquela que desincentiva a prática.

---

<sup>27</sup> Programa esportivo de televisão

Estas atletas tiveram uma determinação tão grande que se envolveram com a modalidade mesmo contra vontade dos pais. Como segue a fala de uma das jogadoras a respeito de seu pai:

Ele não queria que eu jogasse não. [...] Eu treinava mais com os meninos. Então, ele não queria. [...] Ele achava feio. Só eu de menina jogando. Ele achava ridículo. Mas eu não estava nem aí. (Helena)

Outros desmotivadores que foram lembrados foram os pais e as mães. Tanto a mãe quanto o pai aparecem no discurso das entrevistadas.

Minha Mãe. [...] Porque ela não gosta, fala que futebol é para homem. (Luciane)

Quando eu comecei a jogar bola meu pai era contra, ele me batia muito quando eu ia jogar bola e viajava. Eu viajava escondido porque meu pai não deixava. E quando eu voltava sempre depois de um jogo eu tinha que pagar o preço, apanhava. Apanhava, por quê? Viajava para jogar para o outro time.[...] Então inicio de campeonato eu sempre me dava mal do lado familiar porque eu apanhava. Mas eu pagava o preço porque eu amo futebol. Eu apanhei muito dos meus irmãos. Eles me batiam por causa do futebol... A maioria da minha família não me apoiava.” (Heloisa)

No começo, meu pai era machista. Meu pai achava que era coisa de homem, porque eu não devia jogar, porque isso já levava para o outro lado<sup>28</sup>. Aí... Mais no começo meu pai foi assistir eu jogar, aí meu pai gostou. Aí começou a me incentivar. (Elaine)

Embora os discursos das jogadoras tenham me surpreendido, nenhum me assustou tanto quanto a fala da jogadora Heloisa. Esta jogadora chegou recentemente da Bahia e sua vinda para São Paulo está relacionada com o sonho de se tornar profissional do futebol. Ela me disse que seu pai é um nordestino, “*cabra macho*” e extremamente machista. Segundo ela, ele foi o seu grande desincentivador, pois toda vez que saía para jogar futebol seu pai a violentava fisicamente. Ela complementa que seus irmãos também batiam nela pelo mesmo motivo. Esta tentativa de punir e afastá-la do futebol não obteve sucesso.

A preocupação que o pai da Elaine teve em “prevenir” sua filha da homossexualidade não é minoria entre os pais de tantas mulheres que jogam futebol. Este ainda é um raciocínio que muitos fazem: Mulher → futebol → homossexualidade.

---

<sup>28</sup> Ela refere-se aqui à sexualidade, tema que será analisado mais para frente.

Outro caso também de preconceito familiar em relação a prática feminina aconteceu com a atleta Manuela. Ela comenta das consequências da falta de apoio dado pela sua mãe, fato este que resultou na saída do clube profissional. Ela nos disse:

Minha mãe sempre foi do contra. Ela nunca quis me tirar do futebol, mas tudo era motivo. Quando eu era mais nova assim... - “ah se você não fizer isso você não vai mais jogar. E eu parei de jogar bola por causa da minha mãe. Quando eu fiz dezoito anos que eu estava jogando no São Paulo, ela fez eu sair para poder trabalhar. Porque não dá dinheiro. Dá uma ajuda de custo, os caras davam a condução, ajuda de custo, coisa mínima. Não tinha como manter. Aí tive que sair por causa disso. (Manuela)

Neste caso, a mãe da jogadora usava o futebol como forma de recompensa, e na fala da Manuela notamos que tudo era motivo para afastá-la da prática. Isto se concretizou quando estava atuando profissionalmente num clube “grande”. Sua mãe usou o argumento que mais incomoda as jogadoras desta modalidade: o fato do futebol feminino não ser reconhecido como profissão<sup>29</sup>.

Outra situação interessante aconteceu antes de iniciar a entrevista com a atleta Tatiana. Num tom de brincadeira me disse: “*Eu sou hetero*”. Fiquei pensando porque ela me diria aquilo e naquele momento. Guardei esta informação, posicionei o gravador e dei início à entrevista. Quando cheguei à pergunta sobre os desincentivadores, a resposta dada foi: “*Não. Nunca. Ninguém*”. Embora tenha dito isto, ao final da entrevista perguntei se havia algo para acrescentar, e novamente ela disse: “*Eu sou hetero*”. Foi possível perceber a grande preocupação das atletas heterossexuais de serem taxadas de homossexuais. Assunto que merecerá algumas linhas a seguir.

#### **4.4 Dificuldades/ preconceitos**

Para estas mulheres que praticam este esporte de domínio masculino foi inevitável não falar dos preconceitos existentes em relação à prática. Foi um momento delicado da entrevista, pelo fato de eu ter jogado futsal por muito tempo e, por consequência disto, ter sido vítima de preconceitos relacionados à sexualidade e

---

<sup>29</sup> Sobre o profissionalismo feminino darei ênfase nas possíveis justificativas pro atraso neste setor.

também voltados ao gênero. Confesso que já suspeitava do que elas iriam relatar. As entrevistadas muitas vezes sorriram ironicamente, suspiraram e até silenciaram diante da pergunta.

Algumas optaram por responder rapidamente, de maneira sucinta, talvez por causar algum incômodo falar das consequências desta prática. Uma das dificuldades levantadas pelas atletas foi o descaso por parte dos clubes com as mesmas (no que diz respeito ao auxílio).

Algumas associaram, mesmo que inconscientemente, o preconceito às dificuldades. Quando indaguei sobre quais as dificuldades em relação à prática uma delas me disse: *“O preconceito. E a falta de... de incentivo de tudo. Governo, das empresas, porque o futebol não vai para frente porque ninguém bota uma fé.”*(Manuela)

A jogadora Luciane diz que sua maior dificuldade estava relacionada a finanças. No começo de sua prática, ela relatou que seu pai a ajudava com os custos em materiais esportivos, alimentação e inscrições em campeonatos.

A jogadora Helena reclama da falta de oportunidade dada às mulheres: *“Porque quem quer apoiar o futebol feminino que é mais para o masculino?”* A Alessandra ressalta o estereótipo associado às mulheres que jogam futebol

Eu acho que a mentalidade da sociedade está mudando muito lentamente. Apesar de parecer avassaladora, acho que não mudou ainda o que deveria mudar, então ainda tem aquela coisa: mulher é feita para ficar em casa, para acompanhar o cara na arquibancada, ela não pode ter.. Principalmente no futebol que é cem por cento masculino, no mundo todo não porque lá fora é bem mais acessível para as mulheres. Mas principalmente no Brasil é uma coisa mal vista ainda. Então eu acho, sei lá é coisa de homem, é aquela coisa futebol é “coisa para macho”. (Alessandra)

De fato, desde os anos 80, a prática feminina foi legalmente permitida, o número de mulheres praticantes da modalidade tem aumentado em diversos espaços, mas ainda não ganhou a merecida visibilidade. Recordo-me que no último Jogos Pan-americanos, realizado no Rio de Janeiro, a seleção feminina de futebol de campo após conquista da medalha de ouro era destaque nas capas dos jornais. Após este evento ninguém mais sabia o paradeiro das jogadoras, exceto da Marta, eleita três vezes a melhor jogadora de futebol do mundo.

A Elaine e a Alessandra levantam um ponto importante para nossa discussão: a relação entre mídia e futebol feminino. Vejam o que elas dizem a respeito das dificuldades atreladas a mídia.

A mídia quer mais é que a mulher seja objeto sexual. Para chamar a mídia, a mulher tem que expor o corpo, tem que ficar semi-nua lá. (Elaine)

Acho que é uma coisa delicada ainda, o assunto. Até porque a gente vê, ameaçando crescer e não cresce porque dá um “boom” e já some. O futebol feminino me parece que a mídia não cai em cima, o lucro não é tão grande como para os homens. Então não é uma coisa que explode. Então eu acho que isso é por conta do preconceito. (Alessandra)

É de extrema importância o apoio da mídia para o crescimento e aceitação do futebol feminino em nossa sociedade. E é claro que este espaço dado às mulheres é diferente ao dos homens. Os indícios são de extremos descasos com as mulheres envolvidas nesta modalidade. Em pesquisa realizada em 2006, Leonardo Tavares Martins e Laura Moraes avaliaram a exposição do futebol feminino na mídia impressa<sup>30</sup>. Pouco antes do início dos Jogos Olímpicos da Grécia quase nada havia sido publicado a respeito do futebol feminino e apontaram o crescimento de 2.000% no número de inserções durante os Jogos Olímpicos. Como disse a jogadora Alessandra “dá um boom e já some”.

A pesquisa argentina realizada por Daniel Salerno (2005), a respeito da construção de gênero no programa televisivo *El Aguante*, nos mostra que, neste programa, voltado aos torcedores de futebol, as mulheres têm o seu espaço reservado: elas mostram seus corpos no final do programa. Em alguns programas as mulheres acompanham os homens entrevistados, porém não são entrevistadas. Apesar do avanço, no Brasil, os programas de televisão destinados a discutir futebol tem o número pequeno de comentaristas, apresentadores, repórteres e convidadas especiais se comparado a presença masculina. Ainda acontece como no programa argentino: elas aparecem como acompanhantes da figura masculina e muitas vezes vão aos programas para serem ridicularizadas<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Os jornais pesquisados foram: O Estado de São Paulo (Estadão) e Folha de São Paulo (Folha)

<sup>31</sup> Nestes programas esportivos é enfatizado que a mulher não é capaz de discutir sobre futebol.

#### 4.5 Espaços para prática

Outra dificuldade apontada por algumas jogadoras foi o pouco espaço físico reservado para jogar futebol, além da dificuldade de manter uma quantidade mínima de mulheres para formar uma equipe. Dependendo da derivação<sup>32</sup> da modalidade, não há jogadoras suficiente para formar dois times para jogar com frequência e dar continuidade. Elas acrescentam:

Campo. Não tem menina, não tem lugar para jogar. Agora..É mais arrumar menina para jogar.(Fátima)

Acho que primeiramente achar um lugar que tenha futebol certo. A maioria não incentiva, tem que pagar para jogar. Tem que ir até o lugar sem ter nada, sem ter benefícios. (Victória)

O quadro 3 descreve os tipos de equipes em que as atletas treinaram ao longo das diferentes trajetórias futebolísticas. Nota-se que elas tiveram passagens em equipes femininas antes de chegarem ao Raposas. Todas treinaram em clubes amadores<sup>33</sup> em diferentes opções (futebol de campo, futsal e society) e outras chegaram a fazer parte de equipes profissionais.

### QUADRO 3

#### Tipos de equipes em que treinaram e o auxílio destinado às atletas

Atleta	Tipo de equipe	Auxílio
Alessandra	Profissional e amadora	Ajuda de custo
Elaine	Profissional e amadora	Ajuda de custo
Heloisa	Amadora	-----
Luciane	Amadora	-----
Manuela	Profissional e amadora	Ajuda de custo
Helena	Amadora	-----
Fátima	Amadora	-----
Melinda	Amadora	-----
Tatiana	Profissional e amadora	Bolsa de estudos
Victória	Profissional e amadora	Bolsa de estudos e ajuda de custo

<sup>32</sup> Dentre os derivados do Futebol de campo destaco: o Futsal, o Futebol de Salão, o Society e o Futebol de areia.

<sup>33</sup> Relataram que jogaram em times de bairro, equipes universitárias e também representando clubes da cidade.

Sobre esta experiência em clubes profissionais, perguntamos a respeito dos benefícios financeiros. Longe de grandes propostas de salário, elas relataram que o ganhavam em troca pelo futebol apresentado não passava de uma ajuda de custo. Embora algumas atletas tenham jogado profissionalmente por clubes<sup>34</sup> que pagam bem aos jogadores do time masculino o mesmo não se pode dizer ao futebol feminino. Sobre estes auxílios elas contam:

Era um programa cidadão, recebia cento e vinte reais. Em Guarulhos eu fui receber depois de dois anos só. Recebi bolsa da faculdade da UNG. Antes eu estava no Caieiras ,mas lá não recebia nada.Recebia três reais da condução e só. (Tatiana)

No São Paulo e no Palmeiras, eu recebia. Na verdade, era uma ajuda de custo, salário não tinha. [...] Era um dinheiro que a gente recebia como se fosse um salário, mas bem inferior. Muito inferior! No Santa Marina não tinha. Nada. (Manuela)

Acabou campeonato, todo mundo demitido. Não tinha contrato para ficar mais de um ano. Era um ano o contrato, passou o contrato, já era. (Elaine)

Aqui no Brasil, as meninas do Santos eu conheço umas sete ou oito, elas ganham setecentos reais e bolsa. As meninas do Palmeiras, que é a filiada com a UNISANTANA, eles enrolam. E a gente fica pagando para jogar. O Juventus não dá nada, você treina de segunda a sexta feira, seis horas de treino por dia e não ganha nada. Aqui as meninas não têm nada garantido, para que jogar? Vai jogar de qualquer jeito. Não tem incentivo. (Victória)

Segundo as atletas, o grande obstáculo enfrentado pelas mulheres para se profissionalizarem no futebol está relacionado ainda aos preconceitos de gênero e quanto a orientação sexual.

Nas falas, pude perceber que muitas delas tiveram rápidas passagens nos grandes clubes, porém esta foi marcada por muitas dificuldades. Elas relatam que a falta de possibilidade de ascensão profissional as afastou dos clubes. Afirmam que, no Brasil, o futebol feminino ainda não é visto como profissão. O discurso das jogadoras descreve isto.

Aqui no Brasil não dá, se fosse para fora<sup>35</sup> Você quem escolhe, ou você trabalha ou você joga (Tatiana).

Ninguém patrocina. Ninguém quer patrocinar um time feminino. Você vê, as jogadoras de seleção, as meninas têm trabalho fora. Tem que trabalhar fora porque não dá dinheiro, aqui no Brasil, não. (Manuela)

<sup>34</sup> Foram citados alguns clubes, tais como: São Paulo, Santos, Palmeiras, Corinthians, Portuguesa, São Caetano e Juventus.

<sup>35</sup> Jogar no exterior.

Jogar fora do Brasil e “dar certo” para estas mulheres não é sinônimo de jogar em países como Argentina, Inglaterra ou Espanha. Certamente estão falando de países onde o futebol não é o esporte predominante masculino. Os Estados Unidos são exemplo disto. Isto porque lá os esportes “masculinos” são o Basquetebol, o Futebol Americano e o Beisebol. Sendo assim, o futebol (soccer) é visto como prática feminina.

Segundo Moura (2003):

No basquetebol, à hegemonia dos valores “masculinos” estão ligados aos valores que a comunidade negra norte americana quer demonstrar como sua. No futebol americano, os jogadores são os guerreiros que vão para a batalha, lutando para conquistar o território inimigo. No beisebol, quase sempre aparece um Presidente da Republica dando uma tacada ou fazendo um lançamento, realizando, com isso, um gesto metafórico para a nação: para os homens, há espaços da luta e do poder, ou seja, à esfera do esporte e da política são ainda de dominação masculina (MOURA, 2003, p. 85)

Algumas das minhas entrevistadas quando jogaram em clubes, eles não pagavam salário, eles apenas davam ajuda de custo, segundo elas, inferior ao salário. Elaine levanta a hipótese de desvio de dinheiro em um dos clubes que atuou.

Lá foi legal, mas a gente via que assim... Os técnicos ganhavam uma porcentagem em cima de nós. A gente ganhava uma porcentagem mínima, eles ganhavam muito mais em cima de nós. (Elaine)

Duas entrevistadas disseram que ainda almejam tornar se profissionais da bola. Num discurso consciente da minoria que atinge este objetivo, elas contam:

Quando eu vejo elas jogando eu penso: meu, eu vou chegar um dia lá! E estou correndo para isso. Espero um dia ser reconhecida e é muito difícil, dependendo de alguns patrocinadores, algumas pessoas, é muito difícil. Não que eu não jogue bem. (Heloisa)

Uma das jogadoras entrevistadas relatou a sua passagem em diversos clubes brasileiros, além da vasta experiência com o futebol no exterior. Mesmo jogando futsal, no Raposas da Leste, a sua vontade é seguir carreira fora do Brasil, na Itália. Essa jogadora chegou a se profissionalizar num time de futebol de campo em Milão. Ela continua:

E eu quero o quanto antes sair fora. Aqui o feminino não dá certo. Eles falam que vai dar certo, mas não vai. Oh... Eu jogava no Itaquaquecetuba, não tinha nada, as meninas nem chuteira têm, jogavam descalças na rua. Daí

você vai incentiva elas, sair jogar uma Libertadores<sup>36</sup> e perder para o Santos, perder dinheiro? Não vai. É muito difícil. (Victória)

Quando perguntei às atletas se elas assistiam aos jogos de futebol (não foi preciso falar masculino), todas me responderam que acompanham pela televisão. Na sequência, questionei se acompanhavam os jogos de futebol feminino, a justificativa dada foi pela pouca visibilidade que a mídia dá para participação feminina. Exceto em grandes jogos como Olimpíadas e Mundial.

#### 4.6 Homofobia e futebol feminino

Durante os jogos que acompanhei, pude notar que os (as) torcedores (as) que ficam na arquibancada assistindo aos jogos são principalmente: os familiares, amigos (as), namorados (as) e outras atletas<sup>37</sup> de futsal que aguardam os próximos jogos. Esta se assemelha a outros campeonatos que disputei pela modalidade.

Quanto ao comportamento da torcida, ao ver a mulher jogando futebol, as entrevistadas tiveram diferentes pontos de vista. Somente as jogadoras Melinda e Alessandra vêem a presença da torcida<sup>38</sup> nos jogos como algo positivo, sem manifestações de preconceitos.

Nossa vai ao delírio. Principalmente quando é contra homem ou jogando com homem... E mesmo com as meninas, **é uma coisa nova.** (Melinda)

É legal, **apesar das meninas jogarem.... de uma maneira....mais lenta, inferior ao dos homens**, eu acho que futebol é sempre futebol. Sempre legal ver gol. Então acho que a torcida participa, é legal.(Alessandra)

Diferente destas duas jogadoras, as outras atletas relacionam a presença da torcida com manifestações preconceituosas e estereotipadas. É o que pode ser confirmado nas falas:

Depende. **Se a menina for bonitinha eles até gostam, mas se for meio “machinho” aí tem o preconceito.** (Elaine)

<sup>36</sup> Este torneio na versão feminina aconteceu pela primeira vez em outubro deste ano. Participaram 10 equipes sul-americanas: Peru, Venezuela, Bolívia, Chile, Argentina, Equador, Colômbia, Paraguai e Uruguai. O Santos, campeão da Copa do Brasil, foi eleito o representante beiro.

<sup>37</sup> As atletas costumam assistir aos jogos para estudar taticamente a outra equipe que possivelmente enfrentarão durante o campeonato.

<sup>38</sup> Torcida aqui caracteriza se pela presença do público que assiste aos jogos, treinos, amistosos. Este público não tem vínculo com a equipe, apenas no sentido de assistir o futebol feminino em quadra.

Quando tem homens, fazem piadinhas. Agora se já é um grupo que conhece e sabe que joga legal é bem diferente, eles te incentivam.[...] É... **Tem dois tipos de torcedores: uns que vão para zoar e gritar – “gostosa”, “oh que pernão”. Tem uns que vão só para ver o futebol feminino e falam “nossa a menina joga”, “dá para colocar contra o time masculino ali que num tem chance”.**(Victória)

Pelas falas notamos que ainda a aparência das atletas que jogam futebol provoca uma “rotulagem” e incomodam as atletas. Portanto se a jogadora for “*bonitinha*” os elogios em relação ao seu corpo passam a ter destaque. Porém as habilidades das jogadoras estão sob o olhar crítico e suspeito da torcida. Ainda causa admiração dos que assistem a jogos e verem o desempenho em quadra. Como diz a fala da Heloisa alguns até aceitam e acreditam, porém existem os que ainda acham desaconselhável a prática do futebol por mulheres.

Os (as) preconceituosos (as) resumem a mulher homossexual e jogadora à simplesmente: homossexual. Até mesmo as jogadoras que assumem a sua homossexualidade afirmam que o maior preconceito está atrelado ao fato de relacionar a mulher que joga futebol como “sapatona” (um dos apelidos pejorativos). Alguns poderiam pensar: “Mas não é?”. No discurso destas homossexuais, percebemos o quanto elas são reduzidas a orientação sexual, não levando em consideração que estas mulheres são habilidosas, dedicadas, trabalhadoras, estudiosas e também são homossexuais.

Este sentimento de reducionismo é expresso nas falas a seguir.

Tem o preconceito... Tudo que tem... Ah “aquela menina é lésbica” “aquela menina é isso”, “aquela menina é aquilo”, “está jogando ali é homem”. É dói muito saber disso (Heloisa)

Nossa... Muito preconceito. Eles têm aquilo: “todas são “sapatão”.”(Victória)

Esta associação muitas vezes é feita pelo fato de muitas mulheres homossexuais se identificarem com a modalidade. A respeito disto, no time investigado em sua pesquisa, Silveira (2008) esclarece

É por gostarem de esporte, por terem em comum a opção homossexual e compartilharem relações de amizade que o time se mantém [...] e algumas fazem parte da equipe pelo gosto do futsal, outras permanecem nela pelas relações de amizade. Se algumas jogadoras são homossexuais e encontram naquele espaço uma possibilidade de vivenciarem seus momentos de lazer, outras são heterossexuais e também estão ali para terem seus momentos de descontração (SILVEIRA, 2008, p.135)

Recordo-me que em um dos treinos uma das entrevistadas chegou a relatar sua inconformidade diante das orientações recebidas sobre os comportamentos das atletas homossexuais dentro do local de treino. Segundo ela, as atletas foram avisadas e orientadas a não demonstrarem afetos à suas companheiras, assunto que causou certo incômodo. Esta recomendação, por parte dos responsáveis pelo espaço esportivo, demonstra mais uma das tantas manifestações homofóbicas sofridas por estas praticantes.

Segundo Rogério Junqueira (2007, p. 60)

a homofobia se caracteriza por sentimentos de aversão, desprezo, ódio, medo contra as representações sexuais que fogem ao modelo heterossexual, e costuma produzir preconceitos, discriminação e demonstração de violência contra homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transsexuais).

Embora neste espaço seja legítima a prática do futsal pelas mulheres, ainda há repressão a homossexualidade de modo que as atletas homossexuais precisam esconder ou ao menos não deixar explícito a todos a sua orientação sexual e muito menos demonstrar afeto em relação a outras pessoas do mesmo sexo.

#### 4.7 Expectativas com o futebol

Outro assunto que me despertou bastante curiosidade sobre a trajetória de atletas de futsal diz respeito às expectativas destas jogadoras no início da prática e as expectativas que elas têm hoje com o futsal. Será que as opiniões mudaram?

No comecinho eu já sabia que o futebol feminino **não dava futuro**. Jogava só por lazer mesmo.

**E hoje?**

**Continua sendo pelo lazer!**(risos). A idade não permite mais!(Luciane)

Olha eu vou ser bem sincera. **Quando eu comecei, eu queria assim... Treino pesado para eu ter um físico para fazer peneira**. Então queria treino forte para ver se arrumava alguma coisa mais para frente.

**E hoje?**

**Sinceramente? Só por lazer**. Para falar sinceramente eu não quero conseguir nada. É claro que se tiver campeonato, claro que minha cabeça vai

estar focada na vitória. Mas sinceramente para mim é o amor mesmo. (Melinda)

Ah... Era grande. Achava que era legal, que era igual ao masculino. Não entendia muito. Então achava que era legal, **vai ser forte de novo que nem o masculino**. Na minha cabeça era para querer uma coisa séria com o futebol.

**E hoje?**

Hoje? **Acho que muito mais**. Assim, naquela época era bastante, mas como eu era pequena e estava começando, agora é muito mais que antes. (Victória)

Temos então, três diferentes opiniões quanto às expectativas no início da prática esportiva. Temos as que começaram a jogar porque simplesmente gostavam, outras porque tinham o desejo de tornar se profissionais e ainda aquelas que disseram que desde o começo não viam nenhuma expectativa com o futebol feminino.

Embora sejam diferentes as expectativas com a modalidade no início da prática, as expectativas hoje já não são as mesmas. A jogadora Luciane disse que, no início, já havia sido alertada que o futebol feminino em nosso país *não dava futuro*.

Três entrevistadas relataram que a principal expectativa com o futebol no início da prática era se profissionalizar. Porém, com as experiências e frustrações no decorrer da trajetória fizeram com que as meninas mudassem de opinião e já não criassem mais expectativas profissionais.

Hoje, apesar da maioria não ter expectativa alguma com o futebol, a atleta Victória ainda vê no futebol uma chance de ascensão profissional. Isto se deve ao fato de, recentemente, ter voltado da passagem pelo futebol Italiano e por ter jogado em vários clubes profissionais e haver propostas concretas para voltar a jogar na Itália, ainda neste ano. De acordo com ela, problemas com a documentação ainda estariam impedindo seu retorno.

Exceto a jogadora Victória, o motivo das demais jogarem hoje é principalmente por ser uma opção de lazer. Algumas atentam para a prática do esporte por ser atividade saudável.

Embora algumas destas mulheres tenham sido profissionais da bola (mesmo que por pouco tempo), o fato de não terem recebido propostas promissoras de se firmarem como atleta profissional as afastou da carreira. O principal motivo dado pela desistência do sonho profissional foi a falta de oportunidade dada as atletas. Isto devido ao descaso dos clubes com o futebol feminino.

Pensando nos empecilhos relatados, questionei sobre quais seriam as mudanças que elas acham necessárias para melhoria do futebol feminino no país.

#### 4.8 Mudanças no futebol feminino

A respeito do que elas mudariam para o futebol feminino melhorar, as respostas foram reclamações e reivindicações que as mesmas acham necessárias para poder jogar futebol no Brasil.

Ninguém dá valor ao futebol feminino. As pessoas que estão envolvidas ir atrás, buscar **ajuda do governo, patrocínio**, porque se ninguém meter as caras nunca que vão valorizar. Isto que é mais importante. Muitas vezes tem muita menina que você vê que tem potencial para jogar num clube, ganhar bem e tal, só que não tem ninguém que a patrocine para conseguir tornar profissional (Melinda)

Acho que **devia ter mais incentivo até da imprensa**, mostrar mais, para incentivar mais. Tem as meninas que querem jogar e não tem espaço, sei lá... Escolinha. (Alessandra)

Eu ia dar o que a gente sempre busca: **bolsa, ajuda em transporte ou em alimentação ou até mesmo em dinheiro para ajudar a manter**. Que isso não tem de jeito nenhum [...] Aqui as meninas não têm nada garantido, para que jogar? Vai jogar de qualquer jeito. Não tem incentivo. (Victória)

Incentivava mais, fazia mais campeonato, **organizava mais campeonato para ter mais incentivo pro futebol feminino**. (Elaine)

As sugestões dadas para o futebol feminino “dar certo” foram pautadas nas suas experiências, sendo assim, elas sugeriram mais incentivo a prática através do apoio financeiro (salário, transporte, refeições, alojamento), apoio da imprensa na transmissão e divulgação dos jogos, organização de campeonatos. Notamos que esta falta de incentivo no futebol feminino também ocorre em outras modalidades masculinas que são atípicas em nosso país.

Enquanto estas mudanças não ocorrem, elas continuam a praticar o jogo com bola nos pés, algumas jogaram futebol de campo, outras optaram pelo futebol de areia, outras society e hoje optam por jogar futsal.

Diante destas variedades, as justificativas para o envolvimento atual com o futsal foram as mais diversas. O fato mais citado foi a facilidade do jogo, devido ao espaço físico ser menor (tamanho da quadra), tipo de piso da quadra, alto número de campeonatos amadores, pequeno número de jogadores em quadra<sup>39</sup>, além de exigir menos fisicamente, por causa do número ilimitado de substituições durante um jogo. Por outro lado, pela falta de opção, as jogadoras relatam:

<sup>39</sup> As equipes de futsal são compostas por 5 jogadores (as), incluindo o (a) goleiro (a).

Por mim eu jogava futebol de campo, mas como tem pouco campeonato. Ah e tudo que for para chutar bola, eu estou chutando. (Elaine)

Porque o futsal é mais acessível. Hoje tem várias quadras, vários times de futsal. Futebol de campo é muito mais profissional, não tem várzea. Tipo assim... Que nem um “Raposas” de futebol de campo. É muito difícil de manter também. (Alessandra)

Estas mulheres com trajetórias “parecidas” que hoje desfrutam da legalidade de praticar o futsal se reúnem todos os sábados para treinarem e se dedicarem a competições ao longo do ano, mesmo que durante a semana suas obrigações com o trabalho, estudo e família continuem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

---

Se há algo em comum entre as jogadoras do time pesquisado é que a opção por jogar futebol deu-se por escolha própria. E esta escolha acarretou em algumas consequências, todas elas relacionadas ao fato de serem mulheres. E quais foram as “consequências sociais” desta escolha?

Como vimos ao longo do texto, historicamente a participação da mulher no ambiente esportivo, principalmente nas atividades físicas de domínio masculino, era considerada imprópria, pois. Acreditava-se que estas práticas comprometeriam a capacidade reprodutiva, considerada a principal responsabilidade feminina na sociedade. A história do futebol feminino no Brasil não foi diferente: ela nos mostra as possíveis causas para o atraso da inserção da mulher em campo. Devido à recomendações biológicas, que vetavam sua participação em competições e no futebol, as mulheres somente iniciaram legalmente a sua participação em 1979. Isto está relacionado a questões culturais, que percebiam e, em parte, ainda percebem a mulher como naturalmente portadora de características não condizente com as necessidades esportivas, tais como força, velocidade, competitividade, entre outras.

Ao longo dos anos, muita coisa mudou, o número de praticantes da modalidade vem crescendo, porém a participação das mulheres neste esporte, como disse uma das jogadoras pesquisadas, ainda “é uma coisa mal vista”.

A pesquisa de campo mostrou que a trajetória das jogadoras de futsal do time Raposas da Leste foram/são marcadas por dificuldades atreladas ao gênero e à sexualidade.

As atletas iniciaram a prática da modalidade em torno de 1988 e 2000, quando tinham entre quatro e dez anos. O início da prática foi marcado pela participação masculina (amigos, vizinhos, primos, tios), seja na rua, na escolinha de futebol ou, em menor medida, na escola. Esses espaços eram freqüentados predominantemente pela figura masculina, onde elas eram minoria em quadra, e mesmo assim resistiram a dominação masculina. Nos casos em que o início da prática esportiva ocorreu na escola, ela se deu de forma bastante informal, sem intervenção docente. Uma jogadora começou a jogar na escola durante os finais de semana e outra em aulas de educação física em que cada um fazia o que quisesse. Nenhuma jogadora mencionou

algum (a) professor (a) de educação física como tendo incentivado-a a jogar futebol, ao contrário, uma delas mencionou seu professor como um desincentivador.

Quanto aos apoios à prática, elas não tiveram incentivadores por um longo período. Os pais e as mães, ao mesmo tempo em que são figuras de incentivo para algumas, mostram-se os grandes desincentivadores para outras. No caso de uma jogadora, isso chega ao extremo de ter sofrido agressões físicas por parte do pai toda vez que participava de um campeonato.

Por meio das entrevistas também pudemos observar que o público que assiste ao futebol feminino ainda tem uma visão estereotipada e preconceituosa. As atletas disseram que o comportamento da torcida, ao ver mulheres jogando, demonstra suspeitas quanto a suas habilidades, capacidades físicas e sexualidade. Ser jogadora de futebol é para muitos interpretado como sinal de homossexualidade.

Outro ponto relevante e curioso é que estas mulheres são espectadoras do futebol masculino, devido a sua acessibilidade, mas disseram não acompanhar o futebol feminino por causa da pouca visibilidade dada pela mídia na cobertura dos jogos ou por não saberem quando os mesmos são televisionados.

Algumas atletas entrevistadas chegaram a se “profissionalizar”, mas o auxílio recebido em troca não passou de uma ajuda de custo e bolsa de estudo. Apesar de falarem em profissionalização, nunca receberam um salário condizente com uma profissão. Quanto à ascensão profissional, as atletas relataram que, no início da prática, essa era a grande expectativa, porém, com o passar dos anos, esta deixou de existir e a prática do futsal tornou-se uma opção de lazer para a maioria. Hoje, para estas mulheres, a prática do futsal é também uma das maneiras de configurar uma rede de sociabilidade.

Segundo as atletas, para que o futebol feminino avance, é preciso algumas mudanças, dentre elas: apoio financeiro aos clubes e às atletas, apoio da mídia, organização de mais campeonatos.

No país do futebol, essa pesquisa voltou seu olhar para o futebol feminino, estudando a trajetória de jogadoras de um time de futsal de São Paulo. Para estudar e responder a muitas perguntas a respeito do futebol feminino no Brasil, foi importante compreender que as relações de gênero são construídas ao longo da história. Já que são construídas, não são fixas, ou seja, ainda há esperança de mudanças. O recuo histórico feito nesta pesquisa permite perceber que muitas conquistas já foram feitas pelas mulheres no que se refere à prática do futebol. Se, até 1979, a prática era, por lei,

proibida, hoje um número cada vez maior de mulheres joga futebol na rua, em escolinhas, em equipes amadoras, na escola, entre outros. No entanto, muitas outras mudanças ainda estão por acontecer no sentido de uma maior aceitação e estrutura para o futebol feminino no Brasil. Quanto ao futuro do futebol feminino no Brasil, nem me arrisco a dizer... Mas fico com a esperança de ver esse país ser o país do futebol e não apenas do futebol masculino.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998.111f. Dissertação de Mestrado –Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- AQUINO, J.G.F. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.
- BORGES, Carlos Nazareno Ferreira et al. **Resilência :uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino**. Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n.02, p.105-131, janeiro/abril.2006.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BRAUNER, Vera. **A inserção da mulher no esporte a partir dos constrangimentos nos Jogos Olímpicos**. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/7.pdf>. Acesso em: 13 de agosto de 2009. p. 93-100.
- BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000.
- CALDAS, Waldemir. **Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas : Papirus, 1988.

CASTRO, Fábio de. Agência de notícias da FAPESP. **Metais valiosos**. Disponível: <http://www.agencia.fapesp.br/materia/9324/especiais/metais-valiosos.htm>. Acesso 06 de nov 2008.

COUBERTIN, Pierre de. **As mulheres e os esportes**. Revista Educação Physica, Rio de Janeiro, v.21, p. 60. 1938.

COSTA, Leda Maria da. **Marias chuteiras X Torcedoras “autênticas”. Identidade feminina e futebol**. XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

CUNHA, Ary. **Jornal o Globo. Dúvidas sobre sexualidade de sul-africana tiram o brilho de vitória nos 800m**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/08/20/duvidas-sobre-sexualidade-de-sul-africana-tiram-brilho-de-vitoria-nos-800m-757488422.asp>. Acesso em: 20/08/2009.

DACOSTA, L. P (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro:Shape, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **A prática do futebol feminino no ensino fundamental**. Revista Motriz, São Paulo, v.8, n.1, p.1-9-Jan-Abr.2002.

DARIDO, Suraya C. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica**. Revista Leonardo Pós, ICPG, Santa Catarina, v. 3 n. 9, jul.-dez.2006.

DAOLIO, Jocimar. **A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”**. In: *Cultura: educação física e futebol*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.p. 73-83.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DUARTE, Cátia Pereira; MOURÃO, Ludmila. **Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para participação em aulas mistas de educação física.**Revista Movimento, Porto Alegre,v.13, n. 01, p-37-56, janeiro/abril de 2007.

DUNNING, Eric. O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS,Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação.**Lisboa:Difel,1992.p.388-412.

FERNANDES, Simone Cecília. **Os sentidos de gênero em aulas de educação física.** 2008. 117 f. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”?Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Rev. Bras. Hist., São Paulo, v.25 n.50, p.315-328, Jul/Dez. 2005.

GOELLNER, Silvana.Vilodre.**Bela,maternal e feminina:imagens da mulher na revista Educação Physica.**Ijuí:Editora UNIJUÍ,2003

GOELLNER,Silvana.Vilodre.**Mulheres e futebol no Brasil:entre sombras e visibilidades.**Rev. Bras. Educ. Fis. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr/jun.2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre e SOUZA, Jane Felipe (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas.** Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 59-69.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. **Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol.** In: SIMOES, A. C.(org). *Mulher e Esporte: mitos e verdades.* São Paulo, Manole, 2003, p. 165-75

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil.** In: COZAC, João Ricardo Lebert (org). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte.* São Paulo, Annablume: 2003

KESSLER, Cláudia Samuel.**Elas estão com a bola toda?Uma visão sobre a prática do futsal feminino em Santa Maria-RS.** Fazendo Gênero 8- corpo violência e poder, agosto. 2008.

LOURO,Guacira Lopes;Etal.(orgs).**Corpo, gênero e sexualidade:um debate contemporâneo na educação.**Petrópolis,RJ:Vozes,2003

LOURO,Guacira Lopes.Un corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_**Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pos-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_**Gênero, história e educação: construção e desconstrução.** Educação e Realidade, Porto Alegre,v.20,n.2,Jul/dez.1995.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.** Pensar a Prática (UFG), v. 10, p. 69-98, 2007. Disponível em:  
<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/167/1226>. Acesso em:  
11/11/2009.

MAZZONI, Thomaz.**Almanach Esportivo,** São Paulo, 1928.

MEYER, Dagmar Elisabeth. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes; Etal. (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum; CUNHA, Ana Mara da. Garotas no futebol: trajetórias de gênero e sexualidade. Fazendo gênero8- corpo, violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em : [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST71/Moreira-Cunha\\_71.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST71/Moreira-Cunha_71.pdf) . Acesso em : 10/08/2009.

MOREL, Márcia.; SALLES, José Geraldo C. **Futebol feminino**. In: Da COSTA, Lamartina Pereira (Ed.). *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol gênero**. 2003. 135f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2002.

MORAES, Enny Vieira. **O museu do futebol e uma história parcial: ou não há futebol feminino no Brasil?** *Recorde: Revista de História do Esporte*, v.2, n.1, junho de 2009.

MOURÃO, Ludmila. **Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas**. In: SIMÕES, A.C. (Org.). *Mulher e esporte: mito e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p. 123-154.

MOURÃO, Ludmila.; MOREL, Márcia. **As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.2, p.73-86, jan. 2005.

MURRAY, Bill. **Uma história do Futebol**. São Paulo: Hedra. 2000

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero.** 2006. 121f. Dissertação (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, RS, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos ;ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e sociedade.** Brasília: Líber Livros, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Jornal da Unicamp O papel da Unicamp na redução da desigualdade de gênero do esporte.** Disponível em: [www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/setembro2009/ju443\\_pag02.php](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2009/ju443_pag02.php) . Acesso em: 29 de setembro de 2009.

SALERNO, Daniel. **Apologia, estigma y represión: los hinchas televisados del fútbol.** In: ALABARCES, Pablo (org.). *Hinchadas.* Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p.129-158.

SANTANA, Wilton Carlos. **Contextualização Histórica do Futsal.** Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/historia.asp>. Acesso em 11/12/2009.

SCOTT, Jean. **Gênero: uma categoria útil na análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, Jul/dez. 1995

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. **Estudo etnográfico no futsal feminino: discutindo esporte e homossexualidade.** Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino.** 2008. 156f. Dissertação (Mestrado)-

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, RS, 2008.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Torcedoras em campo: etnografia de futebol e gênero.**

SOUZA, Carolina Maciel. **Gênero e educação física: "visão de jogo" e beleza.** 2009. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Co- educação, futebol e educação física escolar.** 2003. 127f Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de biociências, Rio Claro, 2003.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de ; D'ÁVILA Livia Bonafé. **Futebol feminino e sexualidade.** Revista Ensaios Diálogos, 2009.

SUGIMOTO, Luiz. Universidade Estadual de Campinas / Assessoria de Imprensa. *Eva Futebol Clube*, Campinas: 2003.

THARDIÉRE, M. **Mães fortes fazem filhos fortes.** Revista Educação Physica: Rio de Janeiro, v.39, p.60, 1940.

TÓDARO, Luciano. **Considerações acerca do futebol feminino no país.** 1997. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, Rio Claro, 1997.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidades. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**ANEXO : Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação Física**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Mulher e futebol: trajetórias de jogadoras no país do futebol masculino**

**Pesquisadora Responsável:** Liliane Santos Sousa

**Orientadora:** Helena Altmann

**Justificativa:** O propósito deste estudo é contribuir com a rara e escassa produção a respeito da trajetória das praticantes de futebol feminino no Brasil.

**Objetivo:** Analisar a relação entre mulher e o envolvimento com o futebol. Para tanto, algumas questões foram levantadas de antemão, preparando se assim caminhos que supostamente poderiam facilitar na obtenção e análise de dados a serem estudados.

**Procedimentos da pesquisa:** Após o consentimento em participar da pesquisa, você responderá as perguntas da entrevista. Serão pedidas também algumas informações sobre sua idade, contato, escolaridade, profissão e estado civil, para que possamos fazer o cruzamento dos dados.

**Desconforto e possíveis riscos associados a pesquisa:** Ao participar desta pesquisa você não correrá nenhum risco quanto a sua integridade física, difamação, calúnia ou qualquer dano moral. Sua identidade será mantida em absoluto sigilo.

**Benefícios da pesquisa:** Você contribuirá para a pesquisa sobre a prática do futebol feminino. Será possível desta forma, um maior desenvolvimento de estudos e novas pesquisas que investigam este tema.

**Esclarecimentos e direitos:** Em qualquer momento você poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, bastando entrar em contato com o pesquisador.

**Confidencialidade e avaliação dos registros:** A sua identidade e de todas as voluntárias serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e divulgados.

**Consentimento Pós – informação**

Eu, \_\_\_\_\_, portador da Carteira de identidade nº \_\_\_\_\_ expedida pelo Órgão \_\_\_\_\_, por me considerar devidamente informada e esclarecida sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Recebi cópia desse documento por mim assinado.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante Voluntaria

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Data

Contato da Pesquisadora responsável: (11) XXXX-0307 ou ainda: lilianasant0@yahoo.com.br

**APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semi estruturada**

1. Desde quando você pratica futebol?
2. Por que você optou por esse esporte?
3. Onde você começou a jogar?
4. Quando você iniciou a prática do futebol, quais eram suas expectativas com o futebol? E hoje quais são as expectativas com o futebol?
5. Quais os locais onde você já jogou futebol?
6. Com quem praticou (outros atletas, técnicos / técnicas...)
7. Envolvimento com o futebol feminino: atleta, espectadora, árbitra, técnica etc.?
8. Você jogava / joga futebol na escola? Onde? Quando? Conte sobre essa prática.
9. Onde estudou (pública ou privada)?
10. Quem incentivou / incentiva você a jogar futebol?
11. Quem desincentivou / desincentiva você a jogar?
12. Quais as alegrias que você vivencia com o futebol feminino?
13. Quais dificuldades? (preconceitos...)
14. Você assiste a jogos de futebol? Quais? Lê reportagens? Programas de TV? Etc. Quais/ onde?
15. Você assiste a jogos de futebol feminino?
16. Você já pensou em tornar-se profissional?
17. Você sente que as pessoas têm preconceitos em ver a mulher jogar futebol? Em caso de afirmativo, quais tipos de preconceitos existem?
18. E quando você joga como é o comportamento da torcida nos jogos, como é que eles (as) vêem as meninas jogando futebol?
19. O que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo.
20. Hoje, por que você opta por jogar futsal?

**APÊNDICE B - Ficha com os dados pessoais das atletas**

Nome fictício:

Contato:

Idade:

Local onde mora:

Escolaridade:

Onde estudou:

Profissão:

Renda:

Com quem mora:

Estado civil:

Número de filhos:

Nº. de irmãos:

Profissão da mãe:

Escolaridade da mãe:

## APÊNDICE: ENTREVISTA DADA PELAS ATLETAS DE FUTSAL

### Entrevista dada pela jogadora “Tatiana”

**1. Desde quando você joga futebol?**

Desde os quatro anos.

**2. Por que você optou por praticar este esporte?**

Sempre gostei.

**3. Onde você começou a jogar?**

Escolinha de futebol.

**Quem te levou?**

Meu pai.

**Onde ficava esta escolinha?**

Lá na Vila Régia, era areião na época.

**Quando você começou a jogar, quais eram as suas expectativas com o futebol?**

Eu gostava. Não queria ser profissional, só gostava.

**E hoje, quais são as suas expectativas com o futebol?**

Eu jogo só porque eu gosto, não quero nada do futebol.

**4. Quais locais onde você já jogou futebol?**

Já joguei em várias cidades. Já joguei por Caieiras, Guarulhos, São Caetano, já joguei pelo Centro Olímpico.

**Como foi esta experiência?**

Eu comecei no Centro Olímpico, depois eu fui pro São Caetano.

**Por que você saiu do Centro Olímpico?**

Porque eu não me dava bem com o treinador.

**E lá você recebia algum salário?**

Recebia. Era um programa cidadão, recebia 120. Em Guarulhos eu fui receber depois de dois anos só. Recebi bolsa da faculdade. Na UNG. Antes eu tava no Caieiras, mas lá não recebia nada. Recebia três reais da condução e só.

**E por que você saiu de Caieiras?**

Porque eu me machuquei e eles não me deram auxílio aí quando eu me recuperei eu fui para Guarulhos

**Há quanto tempo você joga pelo Raposas?**

Raposas... Eu acho que tô há seis meses.

**5. Você estudou em escola pública ou privada?**

Pública.

**6. Você jogava futebol na escola?**

Já joguei, já. Eu joguei pelo campeonato da escola. Entre escolas e entre salas. Eu joguei a maioria das vezes com menino.

**Não tinha menina?**

Não. Só quando eu comecei a entrar nos clubes.

**Como era o apoio dos professores?**

Ah... Apoiavam. Falavam que eu jogava bem.

**E quais as alegrias que você vivencia com o futebol?**

Alegrias? Ah.. É... ganhar um campeonato .

**7. Você assiste a jogos de futebol?**

Assisto de vez em quando.

**8. Você lê reportagens sobre futebol?**

Leio, às vezes.

**9. E você assiste aos jogos de futebol feminino?**

Às vezes.

**10. E quem te incentivou a jogar futebol?**

Meu pai, mais o meu pai.

**Como ele te incentivava?**

Ele me levava, ele pagava a escolinha.

**11. E quem te desincentivou a jogar futebol?**

Ninguém me falou nada não.

**12. E quais são as maiores dificuldades para prática do futebol feminino?**

Futebol feminino não tem apoio, né? Não tem apoio do clube, muitos não pagam as atletas.

**13. Você já pensou em se tornar profissional?**

Antigamente sim. Hoje não.

**Por que?**

Ah... Se não deu nada até agora, acho que não vai ser agora que vai dar. Aqui no Brasil num dá se fosse para fora. Você quem escolhe, ou você trabalha eu você joga

**14. Você acha que as pessoas têm preconceito em ver a mulher jogar futebol?**

Algumas sim. Uns homens machistas, algumas mulheres feministas.

**Que tipo de preconceito?**

Ah... Fala que é esporte de menino. E a menina é sapatão.

**15. E quando você joga como é o comportamento da torcida ao ver a mulher jogando futebol?**

Depende se a torcida for a nosso favor se for contra xinga.

**16. E o que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo?**

O que eu mudaria para melhorar? Eu daria mais incentivo. Que nem o handebol Tem bastante incentivo, alguns esportes... Daria mais incentivo, salário, estas coisas, alojamento o que desse para jogar no Brasil.

**17. Por que você joga futsal?**

Porque no futebol de campo o gol é muito grande. Eu prefiro futsal!

**Entrevista dada pela jogadora “Helena”****1. Desde quando você pratica futebol?**

Desde meus 10 anos.

**2. Por que você optou por praticar este esporte?**

Ah... Porque minha mãe jogava, né? Então eu gostava quando ela ia jogar e eu ia assistir. Fiquei interessada.

**3. Onde você começou a jogar?**

Eu comecei a jogar na escola mesmo. E quando ela (mãe) ia treinar eu ficava brincando também.

**4. E na escola, quais locais que você jogava?**

Na aula de Educação Física e quando tinha campeonato.

**E tinha bastante time feminino?**

Não. Era pouco time, nem tinha muito time feminino.

**5. Quais locais onde você já jogou futebol?**

Ah já joguei em Itanhanpé, Brasiuca, lugares da cidade onde eu morava. Era time de futsal, mas com minha mãe jogava campo.

**Você chegou a jogar com a sua mãe?**

Cheguei! Tempos atrás agente fez um time lá e agente jogava. Eu chegava a treinar com ela, mas não era aquele ritmo, né? Mas eu cheguei a jogar com ela.

**E com quem você praticava? Com os amigos na escola?**

Era mais na escola.

**E as meninas jogavam?**

Poucas meninas. Jogava mais com os meninos. Na educação física elas não queriam jogar futebol o jeito era jogar com os meninos.

**Por que elas não queriam jogar futebol?**

Ah... elas não gostavam... gostavam de outras coisas. Não gostavam de futebol. Eram poucas... era eu e mais umas duas, só.

**E os professores te apoiavam a jogar futebol?**

Sim

**6. Quais as alegrias que você vivencia com o futebol?**

Sei lá... é muito bom. Eu não sei explicar. Só sei que eu adoro jogar futebol. A coisa que eu mais gosto. Se eu pudesse fazer todo dia eu faria.

**Você assiste a jogos de futebol?**

“Ahã”. Todos. Todos os jogos que tem eu assisto.

**Você lê reportagens?**

“Ahã”. Sempre que eu mexo na internet. É bem difícil eu mexer. Eu acompanho sim.

**E você assiste a jogos de futebol feminino?**

Sempre que tem.... Às vezes eu assisto, mas é mais masculino. Sempre tem, mas é mais masculino.

**7. E quem te incentivou a praticar futebol?**

Eu mesma! Ninguém me incentivou. (risos). Eu mesma!

**8. E quem te desincentivou a jogar futebol?**

Meu pai. Ele não queria que eu jogasse não.

**Por que?**

Ah sei lá... Ele é muito... Eu treinava mais com os meninos, né? Então, ele não queria.

**Mas ele não falava o por quê?**

Ele achava feio. Só eu de menina jogando. Ele achava ridículo. Mas eu não tava nem aí.

**9. Quais são as maiores dificuldades?**

A falta de oportunidade mais mesmo. Porque quem quer apoiar o futebol feminino que é mais para masculino.

**10. Você já pensou em torna se profissional?**

Ah já. Desde pequena eu pensava já. Mas aí eu fui desistindo com a idade ia chegando. Mais eu penso ainda... sei lá.

**11. Você sente que as pessoas têm preconceito em ver a mulher jogar futebol?**

Ah é bem difícil. Hoje é bem difícil, né? Mas antes era mais. Agora... eu não vejo muito.

**12. E quando você joga como é o comportamento da torcida ao ver uma mulher jogando?**

Ah... eles gostam muito. Assim... As vezes, eles gostam mais de assistir o time feminino. Sei lá... eu acho isso.

**13. O que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo?**

O que eu mudaria? Nem sei... Acho que não tem nada para mudar. Só patrocínio... que acho que é difícil achar patrocínio pro futebol feminino, não tem quase. Que eu vejo aqui não tem. São poucos os patrocínios, né? Eu mudaria nessa parte de patrocínio que precisa muito.

## **Entrevista dada pela jogadora “Melinda”**

### **1. Desde quando você joga futebol?**

Eu comecei com seis anos, parei aos quatorze e to voltando agora.

### **2. Por que você optou por praticar este esporte?**

Eu... Assim... Minha mãe me colocou na ACM para fazer natação, aí eu vi as meninas jogando fiquei maior interessada. Aí comecei a praticar e hoje é a maior paixão da minha vida.

### **3. Quando você começou a jogar, quais eram as suas expectativas com o futebol?**

Olha eu vou ser bem sincera. Quando eu comecei, eu queria assim... Treino pesado para eu ter um físico para fazer peneira. Então queria treino forte para ver se arrumava alguma coisa mais para frente.

### **E hoje quais são as suas expectativas?**

Sinceramente? Só por lazer. Para falar sinceramente eu não quero conseguir nada. É claro que se tiver campeonato, claro que minha cabeça vai tá focada na vitória. Mas sinceramente para mim é o amor mesmo.

### **4. Quais locais onde você jogou?**

Na faculdade UNINOVE, na ACM, já joguei pelo Corinthians de Aricanduva, agora aqui no Raposas. Jogando salão e society. Ah... eu também joguei no Barueri. Nestes times foi para jogar amistosinho com o professor de lá. Ele montou uma equipe de meninas.

### **5. Hoje, por que você escolheu jogar futsal?**

Porque eu me identifico mais, no passe rápido, sabe? Apesar de que eu hoje eu tô fora de forma, eu não consigo ter o pique que eu tinha antes. Campo eu não gosto é muito lento. Society, sei lá já joguei, mas consigo, não é a minha cara..

### **6. Há quanto tempo você tá aqui no Raposas?**

Três meses.

### **7. Você estudou em escola pública ou privada?**

Eu estudei em escola privada, colégio, e agora tô na faculdade.

### **8. E quando você estudava na escola você jogava futebol?**

Sim, com os moleques.

### **E onde você jogava, em que espaço?**

Na Educação Física. No recreio não podia.

### **E tinha bastante time para jogar? Tinha menina para jogar?**

Não eu era uma de quatro meninas da escola inteira que jogava. Tanto é que no último campeonato, minha sala.... Era um campeonato que tava aberto, misto, só que eu fui a única menina que participou. Minha sala entrou com duas equipes, nós estávamos em quatro meninos, um no gol e três na linha e mais eu na linha. Agente foi campeão do campeonato!

### **Misto e só você de menina?**

O campeonato inteiro! E a gente sem reserva!

### **9. E como era em relação ao incentivo dos professores para prática do futebol?**

Ah... para maioria: -“nossa uma menina jogando” e na época eu ainda tava na ativa, né? Não tinha parado e jogava legalzinho, dava banho em muitos moleques.... E tipo era o delírio. Tanto é que na final eu recebi uma premiação extra por eu ter sido a única menina a ter coragem de participar.

### **E o que os meninos achavam?**

Meu... Os moleques ficavam doidos, principalmente quando eu fazia os gols, eles não aceitavam. Por uma menina estar fazendo gol neles, os goleiros principalmente. Eu

lembro que uma vez eu dei um rolinho no moleque. O moleque foi zoadado pro resto do ano.

**10. Quais as alegrias que você vivencia com o futebol feminino?**

Acho que é a descontração, né? Dentro de quadra, as brincadeiras, né? É sério o treino, mas não fica aquela coisa chata aquela coisa rigorosa. É muito legal, principalmente depois do treino que agente sai.

**11. Você assiste a jogos de futebol?**

Sim.

**Lê reportagens?**

Todos os dias.

**Assiste a programas esportivos?**

Não assisto muito TV porque tô sem tempo, mas acompanho sempre que dá.

**Você assiste a jogos de futebol feminino?**

Assisto.

**Quais?**

Pela televisão, aquela da Rede Vida.

**12. E quem te incentiva a jogar futebol?**

Ninguém, assim eu acho que foi lá na ACM, a nossa amizade, porque assim eu pai e minha mãe sempre me apoiaram em tudo, se eu quero fazer isso eles falam – “vai lá e faz, você acha que vai ser bom para você, vamo lá”.

**13. E quem te desencentivou?**

Um dos professores lá da ACM. Porque era uma pessoa que não tava focada no trabalho, entendeu? Ele só tava a fim de ir para ficar com as meninas, então desanima.

**14. Você já pensou em tornar se profissional?**

Há muito tempo atrás. Hoje eu tô velha engordei muito.

**15. Você acha que as pessoas têm preconceito em ver a mulher jogando futebol?**

Ah... Um pouco. Algumas pessoas. Que tem outras pessoas que já tá acostumada.

**Que tipo de preconceito você acha que tem?**

Ah.. Falar que mulher não é para jogar bola, que mulher não aguenta, mulher não sabe. E normalmente a gente sabe mais do que eles!

**16. E quando você joga como é o comportamento da torcida ao ver a mulher jogando futebol?**

Nossa vai ao delírio, né? Principalmente quando é contra homem ou jogando com homem... E mesmo com as meninas, é uma coisa nova, né?

**17. E o que você mudaria no futebol feminino para melhorar?**

Eu acho que não no futebol, mas na visão do mundo. Porque ninguém dá valor ao futebol feminino. As pessoas que estão envolvidas ir atrás, buscar ajuda do governo patrocínio, porque se ninguém meter as caras nunca que vão valorizar. Isto que é mais importante. Muitas vezes tem muita menina que você vê que tem potencial para jogar num clube, ganhar bem e tal, só que não tem ninguém que a patrocine para conseguir tornar profissional

## **Entrevista dada pela jogadora “Fátima”**

### **1. Desde quando você joga futebol?**

Acho que desde uns sete anos.

### **2. Por que você optou por praticar este esporte?**

Ah...gostava mesmo ,praticava com a molecada, gostava.

### **Quem era essa molecada?**

Os amigos, irmãos, minhas irmãs.

### **3. Onde você começou a jogar?**

Ah na escola perto da minha casa. Na quadra só brincando. A quadra era liberada, a gente ia lá e...entrava e jogava.

### **4. Quais os locais onde você já jogou?**

Time?Ah... eu só joguei na faculdade (UNIBAN), aí joguei num time lá onde eu morei, joguei campo.E agora aqui no Raposas.

### **5. Há quanto tempo você joga no Raposas da Leste?**

Eu comecei em dezembro.

### **6. Com quem você praticou futebol?**

Com as minhas irmãs, com as minhas amigas e amigos.

### **7. Onde você estudou?Em escola publica ou privada?**

Publica.

### **8. Você falou que jogava na escola, com quem que você jogava?Com os meninos (as)?**

Ah geral, menina, menino.

### **E tinha muita menina?**

Tinha. As meninas lá jogavam...

### **Na escola?**

Não... as meninas lá do meu prédio.A gente juntava aquele monte de menina e jogava todo mundo.

### **Mas na escola tinha time?**

Na escola eu joguei nos campeonatos que tinham.

### **Você jogava na aula de Educação Física?**

Jogava. Tinha até bastante menina que gostava.

### **E os professores apoiavam?**

Ah... eles ...a gente praticamente falava vamos jogar e pegava a bola.

### **9. E quais as alegrias que você vivencia com o futebol feminino?**

As alegrias?Eu gosto. Não sei explicar.Correr, ver o pessoal aí, contar piada depois.

### **10. Você assiste a jogos de futebol?**

Assisto.

### **Quais?**

Do Corinthians. Timão... o coringão voltou!

### **Lê reportagens?**

Leio.

### **Assiste a programas de TV?Quais?**

Sportv, Globo esporte. Ah, todos de esporte.

### **11. Você assiste a jogos de futebol feminino?**

Não. Não porque não é televisionado, só nas Olimpíadas quando tem assim...

### **12. Quem te incentivou a jogar futebol?**

Ninguém. Eu e eu só.Ninguém mesmo.

### **13. E quem te desincentivou a jogar futebol?**

Não. Nunca.Ninguém.

**14. Quais são as maiores dificuldades que você encontra para jogar futebol?**

Campo. Não tem menina, não tem lugar para jogar. Agora..é mais arrumar menina para jogar, depois que eu entrei no Raposas tem um monte.

**15. Você já pensou em tornar se profissional?**

Não. Sempre joguei por esporte mesmo.

**16. Você sente que as pessoas têm preconceito em ver a mulher jogar futebol?**

Ah... não...as vezes as pessoas por exemplo: eu tô lá no meu serviço,aí eu pego uma bola e começo a fazer embaixadinha o pessoal olha meio assim,as vezes vem , pergunta,mas normal.

**17. E quando você joga como é o comportamento da torcida ao ver uma mulher jogando?**

Ah é normal. Sempre quando tem aquela menininha mais bonitinha, tem aqueles meninos que se empolga um pouco mais, mas normal.

**18. O que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo?**

Pra melhorar?Ah... sei lá.Acho que devia ter mais incentivo até da imprensa, mostrar mais, para incentivar mais.Tem as meninas que querem jogar e não tem espaço, sei lá...escolinha.

**19. Quando você começou a jogar futebol quais eram as suas expectativas?**

Ah... Tipo, pro futuro assim?

É.

Eu nunca tive. Eu sempre joguei por esporte mesmo.

**E hoje?**

(balaço da cabeça-sinal de negativo). Ah...nenhuma. Pratico por esporte, não expectativa nenhuma. Não vejo como futuro profissional.

**20. E por que você hoje joga futsal e não joga futebol de campo ou society, por exemplo?**

Ah, então... O futebol (de campo) falta, né?De lugar para jogar, falta de meninas e o futsal tá mais prático para arrumar pessoas para jogar.Apesar deu gostar de jogar campo.

**Entrevista dada pela jogadora “Luciane”****1. Desde quando você pratica futebol?**

Desde meus oito anos.

**2. Por que você optou por esse esporte?**

Ah porque eu gostava. Eu via os meninos na rua e eu ia jogar.

**3. Onde você começou a jogar?**

Na rua.

**Com quem que você jogava?**

Com os meninos!

**E quem eram estes meninos?**

Ah meus primos.Meus tios.

**Seus tios?**

Opa!Era só alugar uma quadra, só eu de mulher. Uns vinte homens e só eu de mulher .

**E as meninas?**

Não tinha menina não. Só era eu de menina.

**Só você de menina?E como era jogar com os meninos?**

Bem estranho, porque toda vez que ia escolher o time eu caia no dos “sem camisa”. (risos). Ai tinha que trocar, mas quando montava o time.. Quando falavam –“vamos jogar bola”, eu já ia lá ,tinha que ta no meio...dos meninos.

**4. E quando você começou a jogar, quais eram as suas expectativas com o futebol?**

No comecinho eu já sabia que o futebol feminino não dava futuro. Jogava só por lazer mesmo.

**E hoje quais são as suas expectativas?**

Continua sendo pelo lazer!(risos).A idade não permite mais!

**5. Quais os locais onde você já jogou futebol?**

Sem ser aqui no Raposas?No Ouro Verde e passei assim... Bem rápido pelo Nacional. No Nacional foi campo e no Ouro Verde futsal.

**E como foi esta experiência?**

Legal, diferente, totalmente diferente de tudo que eu já fiz

**Como assim?**

No Nacional foi Campo, no Ouro verde salão. Ah sei lá foi uma experiência que nunca pensei que fosse passar.

**E como era lá, o que tinha de diferente?Você recebia?**

Não!Nunca recebi em lugar nenhum para jogar futebol (risos)

**6. Você estudou em escola particular ou publica?**

Escola pública.

**7. Você jogava na escola?**

Jogava nas aulas de Educação Física. E tirava o time na sala já, para não perder tempo!

**E como que era jogar na escola?**

Às vezes eles não queriam me deixar eu jogar não. As vezes eu pegava a bola e ficava no meio da quadra e falava : “só vai jogar se eu jogar!Senão ninguém joga”

**Você fala “eles” porque só tinham meninos?**

É. Só tinha eu de menina.

**E as meninas não jogavam?**

As meninas só queriam saber de jogar vôlei.

**E como era o comportamento dos colegas em relação a isto?**

Ah normal. Dava uns dribles neles e eles falavam –“ ah ..pô joga bem hein, que num sei o quê...” e aceitavam.

**8. Você assiste a jogos de futebol? Quais?**

Assisto todos!Todos canais que estão passando futebol eu assisto

**Você assiste a jogos de futebol feminino?**

Ah...Passava muito, agora não passa

**E você lê reportagens?**

Não gosto muito de ler não. Mas só os do meu time eu leio.

**Pra que time você torce?**

Corinthians.

**Você assiste a programas de TV?**

Assisto.

**9. Quem te incentiva a jogar futebol?**

Ninguém!

**10. E quem te desincentiva?**

Minha Mãe.

**Porque?**

Porque ela não gosta, fala que futebol é para homem.

**E seu pai?**

Meu pai é neutro. Nem diz que sim nem diz que não.

**11. E quais são as maiores dificuldades?**

No começo assim... dificuldade era ...dificuldade financeira para chegar até os jogos, né? Mas eu tinha um “patrocínio”, né? Então o pai bancava e a mãe reclamava.

**12. Você sente que as pessoas têm preconceitos em ver a mulher jogar futebol? Se existe que tipos de preconceitos acontecem?**

Sim. Ah viu mulher jogar bola, viu mulher com uma bola ficam falando –“ é sapatão, é isso é aquilo”

**13. E quando você joga como é o comportamento da torcida nos jogos, como é que eles (elas) vêm as meninas jogando futebol?**

Ah depende. Se o time vai bem a torcida vai junto com time, agora se o time tiver meio decaído... vaias, críticas.

**14. O que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo?**

O que eu mudaria? Essa foi... O que eu mudaria... sei lá!(risos). Essa pula...

**15. Você já pensou em torna se profissional?**

Antes sim. Agora eu não tenho idade para isso não. Hoje eu jogo mesmo só por lazer.

**16. Por que você hoje joga futsal?**

Campo eu não consigo mais. Então, Futsal é o único que por enquanto o que tá se encaixando. Porque daqui um tempo não vai se encaixar mais. Sei lá daqui a pouco: futebol de botão, aquele...pimbolim (risos)

**Entrevista dada pela jogadora “Manuela”****1. Desde quando você pratica futebol?**

Desde... Eu comecei em 1992.

**2. Por que você optou por esse esporte?**

Na verdade, como eu era muito nova e eu morava do lado parque e não tinha muita opção assim, e eles lançaram e divulgaram a escolinha de futebol e foi por falta de opção mesmo, assim... Eles lançaram e num tinha mais nada: num tinha vôlei, num tinha basquete, aí eu pedi para minha mãe para ela me inscrever na escolinha e fiquei

**3. Onde você começou a jogar?**

Na aclimação, na escolinha. Campo... Sempre campo. Só agora no raposas que eu jogo futsal.

**4. Quais os locais onde você já jogou futebol?**

Na escolinha da Aclimação, já joguei no São Paulo, já joguei no Nacional, Santa Marina, joguei no Palmeiras.

**Como foi esta experiência?**

No São Paulo e no Palmeiras eu recebia. Na verdade era uma ajuda de custo, salário não tinha.

**Como era esta ajuda de custo?**

Era um dinheiro que a gente recebia como se fosse um salário, mas bem inferior. Muito inferior! No Santa Marina não tinha. Nada.

**5. E quando você começou a jogar quais eram as expectativas que você tinha com o futebol?**

Pra mim... Assim. É que quando eu comecei a jogar, eu comecei a jogar por “sei lá”. Não foi assim que nem hoje as meninas porque é ajudada pelo técnico, querem jogar em um time grande. Na verdade eu nunca esperei nada do futebol. Eu tinha dez, onze

anos de idade. Acho que foi só para conhecer o esporte mesmo, entendeu? Não tinha nenhuma expectativa.

**E hoje você tem alguma expectativa?**

Nenhuma.

**6. Então você já pensou em tornar se profissional?**

Já. Mas aqui não dá certo, não. No Brasil não rola. Infelizmente não. O que mata é saber disso.

**Você jogava em times profissionais então?**

Jogava. O primeiro campeonato paulista que teve de futebol feminino chamava Paulistana. Não sei se você lembra. Que era ali no campo do Ibirapuera. Eu joguei pelo São Paulo lá. Foi assim que eu entrei no São Paulo, eu joguei um ano no São Paulo.

**7. Há quanto tempo você joga no Raposas?**

No Raposas desde 2003. Várias formações. Porque na verdade o Raposas começou com uma formação à principio só eram as meninas da faculdade.

**De qual faculdade?**

Da UNICID. Agente entrou na faculdade e tal e agente teve a ideia de montar um time feminino. – “ah vamos montar, você treina o time?”- “Ah eu treino”. Aí no começo eram só as meninas da faculdade aí depois – “ah vou levar uma menina de fora” “vou levar outra” num sei quê, as meninas da faculdade mesmo acabaram saindo do time e ficou só as meninas de fora.

**E vocês tinham vínculo com a faculdade?**

Não. Eram só as meninas da faculdade e a gente não usava nome nem nada. A única coisa que a gente conseguiu foi o espaço que era uma da quadra que a UNICID fez dentro do clube e aí a gente usava.

**8. E por que o nome Raposas da Leste?**

Porque o Marcelinho já tinha um time masculino que chamava Raposas da Leste. Aí ele deu a ideia da gente fazer o feminino também. Por isso que ficou Raposas da Leste. E como era todo mundo de lá, o time de lá, então vai ser da Leste.

**9. Onde você estudou?**

Eu estudei Fundamental e o Médio no Caetano e a faculdade eu fiz na UNICID.

**10. E você jogava futebol na escola?**

Na escola? Jogava.

**Onde você jogava?**

Na aula de Educação Física e nos campeonatos que... Agente tinha o grêmio que organizava vários campeonatos.

**E como era em relação aos seus colegas verem você jogando futebol?**

Ah meu, sempre muito preconceito. Desde o começo.

**Que tipo de preconceito?**

Ah porque os moleques falaram que eu era “Maria João”. Sapatão, jogava bola...

**E os professores apoiavam ou não?**

Apoiavam. Quando agente tinha campeonato que agente ia disputar, assim, em outras escolas ou até o inter classe mesmo eles até que incentivavam.

**E tinha time feminino?**

Tinha. Tinha bastante. É um colégio grande lá, né meu? É muita gente.

**11. Quais as alegrias que você vivencia com o futebol feminino?**

Ah meu... todas. porque tipo, todos os meus amigos são do meio do futebol. Hoje meu ciclo de amizade assim... são pessoas que jogam comigo, que eu conheci através do futebol assim... então todos os momentos que eu vivo na minha vida hoje é por causa do futebol, né?

Os meus amigos eu conheci, as meninas eu conheci no futebol, jogando.

**12. Você assiste a jogos de futebol?**

Todos.

Você lê reportagens?

Jornal internet.

**13. E você assiste aos jogos de futebol feminino?**

Quando televisionado, sim. A rede vida que tá transmitindo o campeonato tipo Paulista, mas com times do interior.

**14. E quem te incentivou/incentiva a jogar?**

Cara... Nunca ninguém nunca me incentivou. Minha mãe sempre foi do contra. Ela nunca quis me tirar do futebol, mas tudo era motivo. Quando eu era mais nova assim...- "ah se você não fizer isso você não vai mais jogar. E eu parei de jogar bola por causa da minha mãe, né? Quando eu fiz dezoito anos que eu tava jogando no São Paulo, ela fez eu sair para poder trabalhar. Porque não dá dinheiro, né? Dá uma ajuda de custo, os caras davam a condução, ajuda de custo, coisa mínima. Não tinha como manter. Aí tive que sair por causa disso. Então, incentivo na verdade nunca tive de ninguém.

**15. E quem te desincentivou/ desincentiva?**

Minha mãe.

**16. E quais são as maiores dificuldades?**

O preconceito, né? E a falta de meu... De incentivo de tudo. Governo, das empresas, porque o futebol não vai para frente porque ninguém "bota uma fé.". Ninguém patrocina. Ninguém quer patrocinar um time feminino. Você vê, as jogadoras de Seleção, as meninas tem trabalho fora. Sabe? Tem que trabalhar fora porque num dá dinheiro, aqui no Brasil, não.

**17. Você sente que as pessoas têm preconceitos em ver a mulher jogar futebol?**

Tem com certeza. Viu mulher jogando futebol é sapatão.

**18. E quando você joga como é o comportamento da torcida nos jogos?**

Não sei. As pessoas que hoje... As pessoas acompanham mais. Mas o pessoal fica meio..as vezes você vê a meninas fazem alguma jogada, alguma coisa, e os caras não botam uma fé - "nossa olha só o que a menina fez, é mulher e fez isso". Os caras não acreditam que mulher possa jogar a mesma coisa que um homem joga. Os caras ficam meio besta....ameaçado.

**19. O que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo?**

O que eu mudaria? No futebol? Não sei... Acho que isso que eu te falei da questão porquê num vai para frente, acho que é isso que tem que mudar. As pessoas tem que investir mais, sabe? Tem que acreditar mais no potencial das meninas. Acho que... Que nem teve o evento das Olimpíadas, que elas chegaram a duas finais sabe? Agente não tem incentivo, não tem nada, sabe? Não tem carteira assinada igual ao que os caras tem, não tem um salário decente, muitas vezes para jogar a menina tem.. ela ganha uma bolsa de estudo numa faculdade, uma ajuda de custo, aloja, só. Sabe? Isso que tem que mudar... Assim... tem que ter incentivo. Agora dentro do futebol mesmo, acho que quem trabalha com o futebol feminino, acho que não tem o que ser mudado nada. Da parte técnica, dos caras que realmente acreditam no futebol feminino é tudo muito perfeito. Os caras realmente botam uma fé.

**E hoje, por que você joga futsal?**

Quando eu sai do São Paulo, até então eu jogava campo. Aí depois quando eu sai eu fiquei muito tempo sem jogar bola. Parei totalmente com o futebol, foi quando eu conheci o Marcelinho e ele montou o time de futsal. Eu nunca tinha jogado futsal. Ele montou e me convidou para jogar e topei.

## **Entrevista dada pela jogadora “Heloisa”**

### **1. Desde quando você pratica futebol?**

Há 16 (dezesseis) anos. Eu comecei com os meus seis... Sete anos. Mais ou menos isso porque...e era... Quando que comecei a jogar bola eu tinha é seis anos. Eu comecei jogando na rua.

### **2. Por que você optou praticar este esporte?**

Ah... porque eu gostava. Achava um jogo legal.

### **3. Você me disse que começou a jogar na rua. Com quem que você jogava?**

Ah com os meninos!

### **E as meninas?**

No meu tempo... eu sou veinha...as meninas não gostavam muito. Aonde eu morava as meninas não gostavam muito de jogar.

### **4. E quais lugares você já jogou?**

Tem vários lugares onde eu já joguei. Como eu morava na Bahia eu joguei em Salvador, Jequié, Poções, Guanabi, nossa um monte de lugar, se eu for falar seria a Bahia tudo.

### **Mas aqui em São Paulo, você jogou também?**

Já, já. Aqui em São Paulo eu joguei no Juventus, lá em Corinthians Itaquera lá na zona leste e agora eu tô no time atual que é o Raposas. Eu joguei campo e futsal, os dois. Eu fiz um teste no Juventus, passei, fiquei lá um bom tempo, mas tive que sair.

### **No Juventus você jogou como goleira?**

Não. Lá eu jogava como lateral direita. Goleira-linha eu comecei no futsal.

### **Quando você falou em relação ao jogo na rua, não tinha nenhuma menina?**

Não.

### **Não tinha nenhuma menina?**

Não, não tinha. Porque as meninas só falam assim – “poxa jogar na rua com menino é muito chato”, algumas já – não... aquelas patricinhas, né? Num gostavam muito.

### **E os meninos te aceitavam no jogo?**

Oh! Com certeza. Aceitavam numa boa! E ainda achavam assim.. se tivesse um jogo, um “babinha”, como se diz lá na Bahia, e não chamasse a “Heloisa”, olha... não prestava.

### **5. Você torce por algum time?**

Sim. E sou flamenguista no Rio, Corintiana e no estrangeiro meu time é o Arsenal.

### **E você acompanha aos jogos?**

Sim com certeza! Não perco um. Nem da liga UEFA e.. nenhuma das ligas

### **Aqui no Brasil você acompanha o campeonato Brasileiro?**

Com certeza. Coringão nosso aí, tá indo para frente (risos).

### **6. Onde você estudou? Escola pública ou privada?**

Escola pública.

### **7. Nas aulas de Educação Física você jogava?**

Jogava muito bem. Jogava para caramba e era o destaque. ”Tipo assim”... eu dava o exemplo. Eu era a que tirava as notas mais altas.

### **E você jogava com os meninos?**

Jogava com os meninos e jogava com algumas meninas. Algumas... Porque.. só porque era dado nota, então elas jogavam, entendeu? Fazia uma mistura ali.

### **O que você acha em relação aos seus colegas quando te vem jogar? Eles te apoiam?**

Alguns não e alguns sim. Aí você me pergunta – “por que sim e outros não?”. Nessa parte dos alguns sim, é porque são aqueles que também praticam o mesmo esporte que vê futebol como só uma modalidade só para homem, mas sim para mulher, para

crianças, para todos. e também os próprios que jogam comigo, as meninas. E tem aqueles que não apoiam que são os preconceituosos.

**Por que você acha que eles não apoiam?**

Porque tem aquela parte ah o "futebol é só para homem", "mulher é mais delicada". Eu num acho isso. Que nem eu falei, tem o preconceito... De querer ser, poxa, só os homens que tem que levar o glamour, fama, entendeu?

**8. Quais são as maiores dificuldades que você tem em relação à prática do futebol?**

Ah... Muitas. Principalmente o preconceito e também tem a área financeira e muito mais que eu vou citar durante a nossa conversa.

**9. Quem te incentivou ou te incentiva a jogar futebol?**

Éeee...primeiramente eu, né?Que se não por mim mesmo... -"eu vou conseguir"... E também o time feminino. As meninas que me acolhem.

**E seus pais?Você me disse que sua mãe faleceu há 21 anos. E seu pai te apoiava?**

Quando eu comecei a jogar bola meu pai era contra, ele me batia muito quando eu ia jogar bola e viajava. Eu viajava escondido porque meu pai não deixava. E quando eu voltava sempre depois de um jogo eu tinha que pagar o preço, apanhava. Apanhava, por quê?Viajava para jogar pro outro time. Porque eu não jogava só para um time. Então quando eu fui sendo destaque do time da região da Bahia, então começavam a me ligar- "joga no meu time", -"defende este campeonato" e sempre eu ia. Então inicio de campeonato eu sempre me dava mal do lado familiar porque eu apanhava , entendeu?Mas eu pagava o preço porque eu amo futebol. Eu apanhei muito dos meus irmãos, entendeu?Eles me batiam por causa do futebol... a maioria da minha família não me apoiava.

**10. Você sente que as pessoas têm preconceitos em ver a mulher jogar futebol?Se existe que tipos de preconceitos acontecem?**

Oh com certeza.. sem dúvidas.Tem o preconceito ..tudo que tem...ah "aquela menina é lésbica" "aquela menina é isso", "aquela menina é aquilo", "tá jogando ali, é homem", entendeu?E e dói muito saber disso, entendeu?Saber que num país extremamente rico, não só em várias culturas, mas como principalmente no futebol, mas rico assim no futebol pros homens porque pras mulheres, misericórdia!Num vem nada.

**11. E quando você joga, como é o comportamento da torcida?Ao ver as meninas jogando?**

Alguns vão ao delírio. Alguns falam – "essas tem futuro", outros dizem – "nossa isso é a maior mancada, colocar menina para se machucar", entendeu?Alguns que na torcida, vendo as meninas jogarem, vem que o futebol não é só para homem, mas sim para mulher também. Mas tem outros que falam que não vai chegar a lugar algum e futebol não é...como falam futebol não foi feito para mulher na cabeça de alguns preconceituosos.

**12. O que você mudaria no futebol feminino para melhora-lo?**

Nossa... Eu mudaria muitas coisas. Mais eu investiria , eu investiria muito em pessoas que , por exemplo, saem de um nível baixo da sociedade, eu investiria muito.Dava muito apoio ao futebol feminino e... E. verba, entendeu?Dinheiro... Precisa muito ser apoiado, ser financiado os times de futebol feminino no Brasil. Tanto o campo como o salão. Porque tem essa coisa.. Eu tava passando anteontem mesmo em frente a campinho perto da minha casa eu tava vendo as meninas jogando... as meninas jogam para caramba.Só que as meninas jogam por amor ao futebol e não porque vão lá olhar – "pô aquela menina joga,vamos apoiar, eu vou investir naquela menina".Eu mudaria esse lado ..de...do governo incentivar mais, abrir mais oportunidade para mulheres jogar o esporte, entendeu?Isso eu mudaria.

### **13. Você já pensou em tornar se profissional?**

Com certeza! Não só pensei como ainda penso, este é meu objetivo. Porque eu me inspiro muito na Marta, na Pretinha, na Formiga. Quando eu vejo elas jogando eu penso..meu eu vou chegar um dia lá! E tô correndo para isso. Espero um dia ser reconhecida e é muito difícil, dependendo de alguns patrocinadores, algumas pessoas, é muito difícil, Não que eu não jogue bem, entendeu? Mas pelo preconceito que às vezes “ela não tem uma condição financeira boa, então... que adianta investir”.

Eu vou fazer um teste em vários lugares, vou fazer um teste aqui no Centro Olímpico mesmo, eu vou tentar de campo, se eu passar: Amém. Se eu não passar, eu continuo no futsal.

#### **E como você fica sabendo dos testes? Das peneiras?**

É porque eu sou muito atualizada na internet, entendeu? Começo a “fuçar” a internet, faço amizade pelo Orkut. Ai a galera avisa quando vai ter peneira. E também eles vêm as fotos no Orkut e deixam recado-“oh você joga bola? onde? ah vai ter tal lugar (peneira).”..o grupo que eu tô agora, o time feminino- o Raposas, eu encontrei através de uma amiga que joga no time, pelo Orkut....a Denise..e até hoje tô.

#### **Neste momento conversamos sobre a dificuldade de se encontrar os times de futebol feminino organizado que ainda treinam. Ela complementa:**

Eu valorizo muito o futebol. O time do Raposas mora muito longe, o pessoal mora muito longe, onde agente treina é muito longe. Zona leste-Zona Sul. Eu viajo. Eu faço uma viagem para chegar..

#### **Quanto tempo você demora para chegar no C.E.U?**

Três horas e meia, mais ou menos. Três a quatro. Dependendo do trânsito. Então... eu viajo por amor ao futebol e ver que as meninas jogam bem e creio que eu vou sair daí sendo reconhecida... Com uma boa base. Tem essa parte do preconceito, os homens alguns não aceitam, alguns aceitam, mas eu tô aí...

#### **Mas você acha que um dia as mulheres que jogam futebol serão reconhecidas?**

Creio que sim... mas sabe que isso depende só nós?

#### **Por que você acha isso?**

Porque agente tem que quebrar esta barreira que existe entre os preconceituosos. Entendeu? Tem que quebrar porque, poxa... Se fizesse pelo menos... olha tem manifestação: Parada Gay na avenida Paulista, tem parada não sei o que, tantos tipos de parada a avenida Paulista..Por que as mulheres do futebol não fazem uma parada do futebol na Avenida Paulista. Entendeu? Poxa, vamos reivindicar, vamos por a boca no trombone, vamos pedir apoio. Entendeu? Alguns tem, mas assim, essa parte da minoria que é excluída pelas condições financeiras. Entendeu?

#### **Falando em parada Gay, você acha que a homossexual que joga futebol sofre mais ou menos preconceito?**

Mais, com certeza. São dois preconceitos. Aí se formos fazer a parada do futebol lá na Paulista as pessoas vão dizer –“pô, a parada do futebol é tudo sapatão também”. Eu pensei agora na minha cabeça, mas imagina se todas as mulheres que jogam futebol tenho certeza que iria ser melhor, iria chocar um pouco.

Aí se eu fosse presidente! Sinceramente, eu pegava um espaço no tamanho de um Estado e fazia um clube só de campo e quadra.

#### **Mas você faria para uso dos meninos e das meninas?**

Pros meninos também, mas assim... Principalmente pras meninas. Ali eu focaria só as meninas. Porque ali seria o foco de onde sairia profissionais, de todo tipo.

## **Entrevista dada pela jogadora “Alessandra”**

### **1. Desde quando você pratica futebol?**

Então, eu comecei a jogar desde pequena, né? Desde pequenininha.

### **2. Onde você jogava?**

A principio, quando eu comecei, na rua mesmo. Eu cresci com três primos e aí era só futebol na vila e aí eu fui aprendendo a jogar futebol com eles. Três, quatro anos.

### **Com os meninos?**

Com os meninos.

### **Quem eram estes meninos?**

Eram os meninos da minha rua. Eram amigos da rua, de bairro.

### **E as meninas jogavam?**

Não, nenhuma, só eu.

### **3. Quais os locais onde você já jogou futebol?**

Então, eu já joguei, profissionalmente, em clube assim? Ah eu já joguei no Santa Marina. Eu sempre joguei futebol de campo. Cheguei a entrar no time do São Paulo, passei quatro meses lá, quase me profissionalizei lá, larguei tudo para fazer teatro. Quase fui profissional, fora isso joguei em alguns times de bairro, participei de campeonato assim. Depois entrei na faculdade, joguei pelo time da faculdade. E aí, ultimamente tô jogando pelo Raposas.

### **Há quanto tempo você está no Raposas?**

Acho que há uns cinco meses.

### **4. Você estudou em escola pública ou privada?**

Sim. Pública até o terceiro ano. E depois faculdade particular.

### **5. E você jogava na escola?**

Sim. Jogava no time feminino. Só na Educação Física. Não tinha time para disputar, nada. Era só Educação Física, na aula mesmo.

### **E as meninas participavam da aula de Educação Física?**

Obrigatoriamente, né?

### **E jogavam futebol?**

Jogavam. Porque assim, cada bimestre era um esporte, né? E aí quando eram dois meses de futebol, as meninas tinham que jogar também.

### **Então os professores estimulavam a prática?**

Sim. Com certeza.

### **6. Quais as alegrias que você vivencia com o futebol feminino?**

As alegrias? Acho que a união, acho que essa coisa da... do esporte coletivo ela é bem legal, né? Porque isso acaba... é.. lógico que tem um atrito ou outro com uma pessoa enfim, uma desavença, mas eu acho que no geral o esporte coletivo ...ele proporciona isso, essa amizade, essa união, essa coisa da adrenalina “todo mundo junto”, a expectativa de tá lutando pelo mesmo objetivo, então eu acho que essa é a parte boa.

### **7. Você assiste a jogos de futebol?**

Sim.

### **Lê reportagens?**

Sim.

### **8. E você acompanha aos jogos de futebol masculino e feminino?**

Masculino geral, mas feminino menos, porque a gente tem menos televisionado e o esporte é menor, mas na medida do possível que tem eu assisto.

### **9. Quem te incentiva a jogar futebol?**

Cara eu não sei da onde. Eu acho que como eu cresci com meus primos, sempre pratiquei futebol, eu acho que foi uma coisa na “veia”, tipo... eu sempre gostei então

...eu sou acostumada. Mas minha mãe, ela é bastante esportista, assim. Ela é muito torcedora, ela gosta de vôlei, ela gosta de fórmula 1, gosta de futebol, ela adora esportes em geral, sempre tá assistindo o esporte espetacular, sabe? Então a minha mãe sempre ia naquelas coisas todas. Eu acho que estimulou um pouco.

#### **10. E quem te desincentiva?**

Ninguém. Nunca tive nem na escola, a minha professora me estimulava, porque eu sempre joguei relativamente bem, então assim, minha professora de educação física eu era a preferida dela, essas coisas, então eu sempre tive um estímulo. Na minha casa e fora.

#### **11. E quais são as dificuldades?**

Oh primeiro é o preconceito sobre o futebol feminino. Acho que é uma coisa delicada ainda, o assunto. Até porque a gente vê, ameaçando crescer e não cresce porque dá um “boom” e já some. O futebol feminino me parece que a mídia não cai em cima, o lucro não é tão grande como pros homens. Então não é uma coisa que explode. Então eu acho que isso é por conta do preconceito

#### **E porque você acha que tem esse preconceito? Em relação a que?**

Eu acho que a mentalidade da sociedade, ela tá mudando muito lentamente. Apesar de parecer avassaladora, acho que num mudou ainda o que deveria mudar, então ainda tem aquela coisa: mulher é feita para ficar em casa, para acompanhar o cara na arquibancada, ela não pode ter. Principalmente no futebol que é cem por cento masculino, no mundo todo não porque lá fora é bem mais acessível pras mulheres. Mas principalmente no Brasil é uma coisa mal vista ainda. Então eu acho, sei lá é coisa de homem, é aquela coisa futebol é coisa para macho.

#### **12. Você sente que as pessoas têm preconceitos em ver a mulher jogar futebol?**

De vê? Eu acho que as pessoas até gostam, eu acho que mesmo sobre o olhar preconceituoso eu acho que as pessoas ainda param para assistir. Se tivesse mais eu acho que quebraria esse tabu. Mais eu não sei da onde parte mesmo. Eu acho que uma coisa da sociedade, de patrocínio, de dinheiro, mesmo então como não rola tanta grana eu acho que as pessoas veem menos, mas eu acho que o preconceito seria quebrado se tivesse dinheiro em jogo, entendeu? Só que como “alguém” tem a mentalidade assim (sinal de cabresco) o dinheiro não rola. Então isso faz com que as pessoas na hora que... Vejam como não é um hábito... Muito forte, o que acontece? Vê com preconceito, porque se visse mais se tornaria... Um hábito seria mais comum. Mas como é incomum, o preconceito ainda existe – “olha estão jogando”, tipo assim.. mas não acho que as pessoas não gostam de ver, né? Acho que causa curiosidade, é legal.

#### **13. E quando você joga como é o comportamento da torcida nos jogos?**

Depende. Se agente tá no time adversário... É contra! (risos). As pessoas, elas torcem bastante, elas se animam, é divertido, futebol é arte, é bonito de ver, né? É legal, apesar das meninas jogarem.... de uma maneira.... mais lenta, inferior ao dos homens, eu acho que futebol é sempre futebol. Sempre legal ver gol. Então acho que a torcida participa, é legal.

#### **14. O que você mudaria no futebol feminino para melhorá-lo?**

O que eu mudaria é o investimento. É..é... Incentivo do governo, é você ter mais tanto escolinha de mulher como de homem, entendeu? Porque o que falta é isso, incentivo, investimento, a gente pensa em esporte, agente pensa em vôlei para mulher e futebol pros homens, pros meninos. Mas hoje eu vejo, por exemplo, no meu condomínio, em algumas escolas, eles já estão desenvolvendo o treinamento do futebol feminino, assim como os dos meninos. E assim... a sala é completa também. Hoje em dia é muito mais comum ver a menina querer fazer futebol. Então se tivesse mais disso, eu acredito que iria mudar o nosso setor, com certeza.

**15. Quando você começou a jogar, quais eram as suas expectativas com o futebol?**

Ah... Eu queria me profissionalizar. Quando eu era pequena, nada, mas quando eu fui ficando mais velha jogando mais bola, eu comecei a sair, joguei no São Paulo, fiz peneira.

**E hoje quais são as suas expectativas?**

Só lazer e saúde.

**16. E hoje, por que você joga futsal?**

Porque o futsal é mais acessível, né?Hoje. Têm várias quadras, vários times de futsal. Futebol de campo é muito mais profissional, não tem várzea. Tipo assim... Que nem um “Raposas” de futebol de campo. É muito difícil de manter também.

**Entrevista dada pela jogadora “Victória”****1. Desde quando você pratica futebol?**

Desde os seis anos.

**2. Por que você optou por este esporte?**

Nossa... Depois que meu pai desistiu do meu irmão. Ele fazia a mala do meu irmão para ir jogar nos clubes. Mas meu irmão não queria, parecia um “veadinho”. Né?

Aí eu ficava jogando na rua, assim desde pequenininha. Aí comecei e não parei mais.

**3. E onde você começou a jogar?**

Eu comecei no Lauzane.

**4. Quais os locais onde você já jogou?**

Vixi... Tem uma lista. Ah do Brasil os mais importantes, deixe eu ver: Centro Olímpico, aonde eu consegui ir para fora,Clube Nacional, que fica ali na Barra Funda, Juventus, São Caetano, Palmeiras eu fiquei agora um tempinho, mas não deu nada, CEPEUSP que eles montaram uma equipe da USP, né?E o clube de Itaquá que a gente participou de uma equipe no campeonato do Banespa. Foi bem legal... Assim... A gente perdeu todos os jogos, mas a experiência foi legal pela descontração, jogar contra os times grandes. Tudo campo, a maioria.

Tem alguns de futsal: Mané Garrincha foi futsal... Arte e cultura futsal... Clube dos Oficiais da polícia Militar - Barro Branco, Cobra Coral fica ali no Imirim, a Federal que fica do lado do Shopping D também joguei, o Raposas, o Orion que fica perto da Engenheiro com a Conselheiro.

No exterior o que eu fiquei mais tempo foi o que chama Como 2000, Cálcio A-5. Aí eu precisei fazer intercambio de aprendizagem, assim mais para eu pegar condicionamento físico, né?Aí eu fiquei no Pescara Cálcio, Cálcio Rimini club football, Sociedade Esportiva Napoli, Aurora Bergamo, Aí eu participei de um tornei internacional que foi em Roma aqui pelo Centro Olímpico. No Universitário eu joguei pelo FMU, mas aí ficaram enrolando bolsa... Por causa dessa viagem eu tranquei a faculdade, no ultimo ano de Educação Física também. Não voltei ainda. Tô esperando, né?Tipo... Documentação para saber se eu vou para fora mesmo. Vou fazer um teste agora em agosto pro time Mackenzie, para ver se eles vão deixar eu terminar a minha Faculdade lá, né?Aí eu jogo um ano e meio para eles e eu termino a faculdade sem pagar nada. Aí... Eu acho que só!

**5. Você estudou em escola pública ou privada?**

Publica.

**E lá você jogava futebol?**

Muito. Muito. Não ficava nas aulas não. Ficava só nas quadras.

**Com quem você jogava?**

Com os moleques.

### **E as meninas?**

Ninguém jogava. Só ficava parada. Fazendo nada, às vezes quando a professora dava ginástica, assim, né? Alongamentos, elas faziam. Fora disso era só o masculino que tinha.

### **Você jogava com eles?E eles aceitavam?**

Aceitavam. No começo eles falavam – “ah não, não sabe jogar”. Aí outros moleques – “deixa ela jogar só para você ver”.Aí quando eles viam que eu jogava, nossa... iam até na sala chamar para jogar.

### **6.Quais as alegrias que você vivencia com o futebol?**

Olha, eu já tive bastante tristezas.Assim, partes de machucar , só foi problemas, sabe?Já bati a cabeça, quase tive traumatismo, torção: muitas. Sabe?Já tive que ficar três meses sem jogar por causa da cabeça. Essas são as tristezas.

A alegria é só de tá jogando, acho que já satisfaz tudo. E nessa viagem também foi um perrengue que se eu te contar você vai ter uma monografia.

Vou só te resumir. A gente foi com o pessoal do Centro Olímpico, tava tudo certinho, tinha patrocínio pela Caixa. Foi tudo cancelado. As meninas, eu os familiares, já tudo certo, a gente comprou roupa de frio.

### **Pra ir para ir para Itália?**

Pra Itália. Tava tudo certinho, gastamos a maior grana para depois eles chegarem e falar –“oh, foi cancelado”. Sei lá... O “carinha” passou a mão na nossa verba. O meu pai ficou maior assim... O que meu pai fez?Me “paitrocinou”, né?- “Você vai de qualquer jeito, vai ter um torneio lá fora, vai ser importante para você, o aprendizado, e eu não vou deixar este sonho se quebrar porque eu sei o quanto você joga.” Ele investiu em mim e fui. Fomos em duas meninas.

### **Mas qual foi o motivo deles cancelarem?**

Não teve motivo. Eles falaram... O que que eles falaram?Já faz um tempinho. Eles falaram que não conseguiram patrocínio. Mas depois eu descobri que teve, eu fui atrás do cara lá em Roma para saber o que aconteceu mesmo. Sabe o que tavam cogitando?Que iam levar as meninas daqui, era uma delegação de umas trinta meninas, mais comissão, fisioterapeuta e nananã. Tava desconfiado que ia ser tráfico de meninas.Ia chegar no aeroporto, cada pessoa ia pegar uma lá.

Aí eu entrei em contato com cara da Itália para conversar com os pais, explicar sobre o torneio, o hotel que íamos ficar. E tipo... Maior profissional. Precisa de ver.Eu entrei em contato com ele e falei se ele sabia que tinha sido cancelado.Ele disse que não.Bom –“ eu consegui patrocínio individual, tem como você ir me buscar no aeroporto , me leva no torneio , para seletiva fazer os testes?”- “levo”.Meu cheguei no aeroporto eu e mais uma ficamos três dias e os caras não apareceram .Três dias lá, sem saber o que falar, não sabia italiano,sem falar porcaria nenhuma, a menina que foi comigo sabia falar inglês.A gente passou maior perrengue.Meu pai tinha dado o dinheiro da passagem, um pouquinho de dinheiros para gastos.E eu falei...e a menina não tinha levado nada, só a passagem e cinquenta euros, só.Eu levei o quê?Uns mil e quinhentos euros.Eu falei , “a meu vamo tentar” tenho uma prima que mora lá em Milão.Qualquer coisa eu dô uma ligada para ela e vejo o que ela pode fazer pela gente.E aí meu , a gente passou por cada uma.Ficamos me albergue , ao mesmo tempo jogando, sem dinheiro.

**Nesse momento ela relata os detalhes de como foi sobreviver nesta situação. Até que elas foram pedir ajuda a Igreja que por sorte o padre era um brasileiro e ajudou as a orientar e denunciar esta falsa empresa de exportação de jogadoras de**

**futebol. Entraram em contato com a Federação Italiana de Futebol e depois descobriram que:**

(...) “O lugar que a gente ia para seletiva, o número do telefone, nada existia. O que eu posso fazer por vocês? “Vocês tem contato legal que vocês possam ficar aqui?”.Eu expliquei que tinha minha prima,mas tava sem dinheiro, o cara foi maior gente boa, deu dinheiro para gente ir lá Milão. Ele pegou deu dinheiro para gente e a gente foi para Milão atrás da minha prima.E lá minha prima conseguiu tudo para gente. Conseguiu time através do marido dela que conhecia uma equipe e a gente ficou jogando por lá, fazendo intercâmbio e minha prima bancando tudo.A gente ficou num albergue tentaram roubar nosso passaporte e fomos perseguidas, no ônibus tentaram roubar meu celular que era o único meio de comunicação que a gente tinha com o pessoal do Brasil Meu pai me mandou mais uma grana. Não ficou sabendo do que aconteceu. Até hoje meu pai sabe poucas coisas.

**7. Você assiste a jogos de futebol?**

Assisto.

**Você lê reportagens?**

Também.

**Assiste a programas de TV relacionados a futebol?**

Tudo relacionado a futebol.

**Você assiste a jogos de futebol feminino?**

Não porque é difícil ter televisionado.

**8. E quem te incentivou a jogar futebol?**

Incentivar?Ninguém incentivou para falar a verdade. Assim... Posso colocar meu pai por ter me levado pro primeiro clube que foi o Lauzane. De lá para cá foi difícil ele me acompanhar, né?Trabalhava, então não tinha esse acompanhamento. Eu que ia pros testes sozinha, nenhum dos meus irmãos mais velhos me acompanhava, fazia tudo sozinha. Acho que quando ele percebeu realmente que eu tinha algum futuro foi quando ele me assistiu pela primeira vez, eu já tinha 23 anos.Foi perto da viagem.

**9. E quem te desincentivou?**

Nossa... Minha mãe, para caramba. Até hoje. - “larga este futebol que não te dá nada, só chega machucada, só dá problema, quase morreu. E eu não vou deixar. Eu tô com 25 anos, eu já consegui alguma coisa, já aprendi muita coisa,o sufoco que eu passei na Itália, certeza que ter para ter prendido alguma coisa.Ela me desmotivou para caramba.

**10. E quais são as maiores dificuldades para mulher que joga futebol?**

Acho que primeiramente achar um lugar que tenha futebol certo. A maioria não incentiva, tem que pagar para jogar. Tem que ir até o lugar sem ter nada, sem ter benefícios.

**Então você já pensou em tornar s e profissional?**

Então... Depois que eu encontrei minha prima em Milão eu cheguei a me tornar profissional lá em Milão.

**11. E você sente que as pessoas têm preconceito em ver a mulher jogar futebol?**

Nossa...muito preconceito.Eles tem aquilo: “todas são “sapatão”

**Você acha que esse é o maior preconceito?**

Eu acho que é bem por isso.

**12. E quando você joga como é o comportamento da torcida ao ver uma mulher jogando futebol?**

Quando tem homens é fazem piadinhas, né. Agora se já é um grupo que conhece e sabe que joga legal é bem diferente, eles te incentivam. Teve um grupinho que ficou assistindo a gente no Banespa, eles tiravam fotos. É... Tem dois tipos de torcedores: uns

que vão para zoar e gritar –“ gostosa”, “oh que pernãõ”.Tem uns que vão só para ver o futebol feminino e falam “nossa a menina joga” “dá para colocar contra o time masculino ali que num tem chance”.

### **12. O que você mudaria no futebol feminino para melhora lo?**

Melhorar?Se eu fosse dona de uma equipe.... Ah se eu tivesse dinheiro com certeza eu ia dar incentivo. Eu como atleta sei que passei. Eu ia dar o que a gente sempre busca: bolsa, ajuda ou em transporte, ou em alimentação ou até mesmo em dinheiro para ajudar a manter. Que isso não tem de jeito nenhum. Aqui no Brasil, as meninas do Santos eu conheço umas sete ou oito, elas ganham setecentos reais e bolsa. As meninas do Palmeiras que é a filiada com a UNISANTANA eles enrolam, sabe?E a gente fica pagando para jogar. O Juventus não dá nada, você treina de segunda a sexta feira, seis horas de treino por dia e não ganha nada

Aqui as meninas não têm nada garantido, para que jogar?Vai jogar de qualquer jeito. Não tem incentivo. Meu... Se desse um “toddynho”. Porque aquela pessoa que não tem nada dentro de casa, vai jogar para ganhar aquele. Sabe... Eu mudaria isso, se eu fosse dona de uma equipe. Eu ia buscar patrocínio ou se tivesse tiraria do meu. Pra falar:- “o galera, cada uma vai ter o seu valor”. Pra elas poderem se manter, em transporte e alimentação, porque a maioria é carente não tem nem o que comer dentro de casa.Eu passei uma necessidade do “caralho” lá na Itália.

E se você me perguntar se eu passaria tudo de novo?Eu passaria. Tudo de novo a mesma coisa

### **Você pretende voltar para Itália?**

Volto!Vou voltar se Deus quiser. Por sorte eu encontrei uma amiga minha que tá namorado um jogador de futebol que voltou do Cazaquistão. Ele tem contato com o futebol feminino da Suécia. E ele disse que estão procurando brasileiras para indicar porque a Marta saiu e deu uma caída legal no time. Mandeí currículo para ele, mandei pela internet, e aí ele tá correndo atrás disso para mim. E eu quero o quanto antes sair fora. Aqui o feminino não dá certo. Eles falam que vai dar certo, mas não vai. Oh... Eu jogava no Itaquaquecetuba, não tinha nada, as meninas nem chuteira têm, jogavam descalças na rua. Daí você vai incentiva elas, sair jogar uma Libertadores e perder pro Santos, perder dinheiro?Num vai. É muito difícil.

### **13. Quando você começou a jogar, quais eram as suas expectativas com o futebol?**

Ah... Era grande. Achava que era legal, que era igual ao masculino. Não entendia muito, né?Então achava que era legal, vai ser forte de novo que nem o masculino.Na minha cabeça era para querer uma coisa séria com o futebol.

### **E hoje, quais são as suas expectativas com o futebol?**

Hoje?Acho que muito mais. Assim, naquela época era bastante, mas como eu era pequena e tava começando,agora é muito mais que antes.

### **14. Por que dentre outras opções do futebol, hoje você opta por jogar futsal?**

Hoje eu jogo futsal mais para não ficar parada. Eu não arranjei lugar ainda para jogar campo. Porque como campo é mais difícil, é mais concorrida, no futsal a gente sempre tem alguma equipe para treinar.

## **Entrevista dada pela jogadora “Elaine”**

### **1. Desde quando você joga futebol?**

Desde os sete anos de idade.

### **2. Por que você optou por praticar este esporte?**

Porque eu sempre gostei

### **3. Onde você começou a jogar?**

Na escolinha de futebol.

**E quem te levou para lá?**

Minha mãe.

**4. Quais os locais onde você já jogou?**

Vixi.... Diversos. Oh. Joguei no Nacional, joguei na Portuguesa, joguei no São Paulo, joguei no Corinthians, joguei em vários times de várzea também. Joguei pela APM também.

**Como foi esta experiência?**

Lá eu recebia. Lá foi legal, mas a gente via que assim... Os técnicos ganhavam uma porcentagem em cima de nós. A gente ganhava uma porcentagem mínima, eles ganhavam muito mais em cima de nós.

**E por que você saiu?**

Ah porque era só campeonato tipo “Paulista”, sabe? Acabou campeonato, todo mundo demitido. Não tinha contrato para ficar mais de um ano. Era um ano o contrato, passou o contrato, já era.

**5. Há quanto tempo você tá no Raposas?**

Acho que desde o começo do ano. Desde janeiro, por aí.

**6. Com quem você praticou futebol?**

Quando eu comecei na escolinha era menina, mas quando eu comecei brincando era com menino.

**Quem eram estes meninos?**

Eram os meninos da minha rua. Meus vizinhos!

**7. Você jogava na escola?**

Jogava. Na aula de Educação Física.

**E as meninas jogavam?**

Não. As meninas eram tudo ruim.

**Só você jogava? De menina só você?**

Tinha mais algumas, mas bem o básico. Eu jogava mais que elas.

**E os meninos aceitavam?**

Não. Tinham preconceito.

**Que tipo de preconceito?**

Preconceito que “mulher não sabe jogar bola”. Aí quando você começa a jogar você começava a demonstrar aí os meninos viam que sabia jogar aí sempre queria chamar para jogar.

**Tinha que saber jogar?**

Tinha. Se não eles não chamavam.

**E os seus professores te apoiavam a jogar futebol?**

Tinha professor que apoiava. Tinha professor que não. Alguns tinham preconceito, achavam que era coisa de menino.

**8. Quais as alegrias que você vivencia com futebol?**

As alegrias? Quando ganha, né? As alegrias só quando ganha!

**9. Você assiste a jogos de futebol?**

Assisto.

**Lê reportagens?**

Leio.

**Assiste a programas de TV relacionados a futebol?**

Assisto

**Você assiste a jogos de futebol feminino?**

Assisto pela televisão. Pessoalmente também quando tem jogo perto e eu fico sabendo eu vou lá assisti.

**10. E quem te incentivou a jogar futebol?**

Minha mãe. Me incentivava falando: - “ah filha se você gosta vai atrás”

**11. E quem te desincentivou?**

Meu pai.

**Por que?**

No começo meu pai era machista. Meu pai achava que era coisa de homem, porque eu não devia jogar, porque isso já levava pro outro lado. (sexualidade). Aí... Mais no começo meu pai foi assistir eu jogar, aí meu pai gostou. Aí começou a me incentivar, mas minha que falava –“vai, no sei o que...” minha mãe foi sempre quem me deu incentivo

**12. E quais são as dificuldades que a mulher que joga futsal enfrenta?**

Em relação ao preconceito.

**Que tipo de preconceito?**

Ah... Os homens geralmente... Eles falam que é tudo sapatona. Esse é o preconceito. Por isso que o futebol feminino não vai para frente. E também porque a mídia quer mais é que a mulher seja objeto sexual, né?Pra chamar a mídia, a mulher tem que expor o corpo, tem que ficar seminua lá. Pra chamar a mídia.

**13. Então você sente que as pessoas têm preconceito em ver a mulher jogar futebol?**

No que?No “sentido homem”?Sim.

**14. E quando você joga como é o comportamento da torcida ao ver uma mulher jogando futebol?**

Depende. Se a menina for bonitinha eles até gostam, mas se for meio “machinho” aí tem o preconceito.

**15. E o que você mudaria pro futebol feminino melhorar?**

O que eu mudaria?Deixe eu ver o que eu mudaria.Incentivava mais, fazia mais campeonato, organizava mais campeonato para ter mais incentivo pro futebol feminino.Não tem tanto campeonato.

**16. Hoje por que você escolheu jogar futsal?**

Por que eu escolhi?Por mim eu jogava futebol de campo, mas como tem pouco campeonato. Ah e tudo que for para chutar bola, eu tô chutando. Ah “vamos jogar society”, eu vou lá. Ah “vamos jogar taco?”, eu tô lá.